

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CIDADES – GESTÃO ESTRATÉGICA DO
TERRITÓRIO URBANO**

MARINA HELENA MÜLLER

**COMPLEXO INDUSTRIAL DA POLAR – ESTRELA/RS:
Desenvolvimento de um plano participativo para cocriar o futuro do patrimônio**

**São Leopoldo
2021**

MARINA HELENA MÜLLER

**COMPLEXO INDUSTRIAL DA POLAR – ESTRELA/RS:
Desenvolvimento de um plano participativo para cocriar o futuro do patrimônio**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cidades, pelo Curso de Especialização em Cidades – Gestão Estratégica do Território Urbano da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Ms. Adalberto da Rocha Heck

São Leopoldo

2021

O Crisóstomo disse ao Camilo: todos nascemos filhos de mil pais e de mais mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se os nossos mil pais e mais as nossas mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós (MÃE, 2016, p. 204-205).

RESUMO

Na última década, uma série de acontecimentos no Brasil e no mundo têm levantado discussões acerca dos patrimônios culturais. O que é preservado ou não e quem orienta tais decisões. Neste trabalho, especificamente, discute-se a situação do Complexo Industrial de uma antiga cervejaria da marca Polar, localizada na cidade de Estrela, no Rio Grande do Sul. Após ameaças de demolição do complexo fabril por parte do Governo Municipal, que detém o local, a população da região e entidades se posicionaram a favor da preservação. O caso foi levado à justiça e o futuro da edificação é incerto. Dessa forma, nessa pesquisa, se traça um caminho que busca compreender as novas nuances de atuação do designer, voltadas para uma perspectiva social e transdisciplinar, na tentativa de compreender suas possibilidades frente às complexidades e disputas dos territórios urbanos. Também se discute as formas com que se tem requalificado os territórios, bem como aborda a participação social e a coletividade como fatores importantes para pensar o futuro. Assim, por fim, essa pesquisa se propõe a construir um plano investigativo e cocriativo, no diálogo com diversos atores da sociedade, a fim de pensar soluções para o Complexo da Polar de forma participativa. Para tal, a metodologia HCD – *Design Centrado no Ser Humano* (IDEO, 2009) orienta um plano que propõem estratégias para ouvir, criar e implementar um projeto coletivo, que valorize a estrutura e a história da antiga cervejaria.

Palavras-chave: *Design* social. Metodologia participativa. Patrimônio histórico. *Design Centrado no Ser Humano*. Complexo industrial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rótulo da cerveja Casco Escuro, produzida na Cervejaria Polar.....	12
Figura 2 - Antigos rótulos de produtos feitos pela Cervejaria Polar.....	14
Figura 3 - Adesivos no formato da tampa de garrafa foram distribuídos.....	15
Figura 4 - Propaganda da Polar reitera a forte relação da bebida com o povo gaúcho	17
Figura 5 - Área que engloba o Complexo da Polar, às margens do rio Taquari.....	20
Figura 6 - Mapa do Vale do Taquari.....	30
Figura 7 - Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.....	46
Figura 8 - Entendimentos do problema	51
Figura 9 - Ideias geradas durante o brainstorming	52
Figura 10 - Ideias relacionadas à etapa Ouvir.....	53
Figura 11 - Ideias relacionadas à etapa Criar.....	54
Figura 12 - Ideias relacionadas à etapa Implementar	54
Figura 13 - Condicionantes	55
Figura 14 - Ferramentas.....	56
Figura 15 - Funcionamento do processo HCD	58
Figura 16 - Simulação da instalação	69

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Antigo prédio da Polar, que mais tarde foi ampliado.....	11
Fotografia 2 - Lançamento da cerveja Casco-escuro no Estádio Olímpico.....	13
Fotografia 3 - Comunidade organizou um abraço coletivo no Complexo em 1999 ...	15
Fotografia 4 - Área da escadaria que foi revitalizada pelo governo municipal	18
Fotografia 5 - Evento Arte na Escadaria acontece ao lado dos prédios da Polar	19
Fotografia 6 - Bombeiros combatendo o fogo na Polar	21
Fotografia 7 - Parte do prédio histórico que foi ameaçado de demolição.....	22
Fotografia 8 - Prédio da antiga cervejaria Polar sofre as marcas do tempo.....	22
Fotografia 9 - Comunidade organizou abraço coletivo na Polar.....	23
Fotografia 10 - Prédio tem letreiro único, feito com fundos de garrafas da cor âmbar	24
Fotografia 11 - Pintura retrata elementos e povos característicos da cidade.....	25
Fotografia 12 - A escrita dos termos “fermentação” e “maturação” lembram que o espaço já foi uma cervejaria.....	27
Fotografia 13 - Plantas crescem em meio ao concreto pela falta de manutenção	27
Fotografia 14 - Decoração de Natal é uma das diversas coisas armazenadas no Complexo	28
Fotografia 15 - Espaço onde se armazenavam os tanques de cervejas	28
Fotografia 16 - Estado de abandono em determinadas partes do Complexo.....	29
Fotografia 17 - Lixo é a única coisa que ocupa algumas partes do Complexo	29
Fotografia 18 - Painel na cidade de Savannah, na Geórgia, Estados Unidos.....	68
Fotografia 19 - Recurso de mapas auxilia nas oficinas de cocriação.....	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Levantamento dos agentes	61
Quadro 2 - Cronograma do projeto	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Complexo Industrial da Polar: a história de um patrimônio ameaçado	10
1.2 Questão de estudo	30
1.3 Delimitação do tema	30
1.4 Problema	31
1.5 Objetivos	32
1.5.1 Objetivo geral	32
1.5.2 Objetivos específicos.....	32
1.6 Justificativa.....	32
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
2.1 O espaço como leitura social.....	34
2.2 <i>Design</i> social e práticas coletivas	37
2.3 A (re)construção dos lugares.....	40
2.4 Futuros possíveis: participação social na volta à cooperação	45
3 METODOLOGIA	50
4 ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO	57
4.1 As diretrizes e bases para construção de um plano metodológico	57
4.2 A busca conjunta pela preservação: um plano investigativo e cocriativo...59	
4.3 Ouvir	60
4.3.1 Entrevistas individuais semiestruturadas com pessoas da população	64
4.3.2 Site de coleta de memórias	66
4.3.3 Audiência pública	66
4.3.4 Síntese das escutas	67
4.4 Criar	67
4.4.1 Instalação participativa.....	68
4.4.2 Oficinas de cocriação	70
4.4.3 Votação popular online.....	73
4.5 Implementar	73
4.5.1 Cronograma de execução	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78
ANEXO A – INVENTÁRIO DO COMPLEXO INDUSTRIAL DA POLAR	84

1 INTRODUÇÃO

A relação da humanidade com o que é considerado patrimônio cultural encontra-se em constante debate, ganhando novos patamares de reflexão. Conforme o mundo se transforma, grupos sociais buscam espaço de fala e a própria história continua a se compor. As recentes manifestações antirracistas no mundo como o movimento *Black Lives Matter*¹ e a derrubada de estátuas que homenageavam personalidades escravocratas² são exemplos de que a discussão acerca das edificações, objetos, saberes e até mesmo costumes que preservamos como sociedade mantém-se ativa, atual e necessária.

No Brasil, tal debate se fez presente em diversos acontecimentos nacionais importantes na última década, como a destruição do Rio Doce, em Minas Gerais, que, para o povo indígena Krenak, poderia constituir-se como um patrimônio. Também ilustram o debate as diversas polêmicas acerca da Lei Rouanet³ e a extinção do Ministério da Cultura pelo governo Bolsonaro, segundo Decreto Nº 9.674, em janeiro de 2019.

Outro acontecimento muito marcante dos anos recentes, em termos culturais, foi o incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em 2018, edifício que foi residência da família real e palco da primeira Assembleia Constituinte da República. A destruição do que era considerado até então o maior museu de história natural e o mais antigo do Brasil configura um momento emblemático para o país por justamente denunciar aspectos nocivos da forma com que se relacionam hoje população, governo e patrimônios culturais. Com um acervo de mais de 20 milhões de peças e um prédio histórico de 200 anos, tombado desde 1938, o Museu administrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) enfrentava dificuldades financeiras por ter sofrido corte no orçamento - não foram mais recebidos cerca de 520 mil reais anuais desde 2014, que eram destinados à

¹ *Black Lives Matter* (Vidas negras importam) é um movimento político e social que protesta contra a brutalidade policial e violência de motivação racial contra negros.

² Por exemplo, em Bristol, na Inglaterra, manifestantes derrubaram e jogaram em um rio a estátua de Edward Colston, um traficante de escravos do século 17, que, estima-se, transportou 84 mil pessoas negociadas como escravos na África ocidental (G1, 2020).

³ Entre as polêmicas sobre a lei Rouanet, está a discussão sobre os critérios de escolha dos beneficiados e se deveriam receber auxílio projetos de grande porte, que, teoricamente não necessitariam do aporte financeiro. Para exemplificar, questionou-se o benefício dado à cantora de carreira sólida Claudia Leitte, que obteve R\$5,8 milhões pela lei para uma série de shows em 2013 (BBC, 2016).

manutenção do local (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Calcula-se que 90% do acervo tenha sido destruído, dentre eles a coleção de múmias de Dom Pedro 1º e o maior fóssil de dinossauro em exposição no Brasil (NEXO, 2019). Também se teve perdas imensuráveis na área da Antropologia Social, uma vez que cadernos de campo, entrevistas e fotografias que contemplavam estudos sobre populações indígenas e línguas que não possuem mais falantes vivos foram outros itens destruídos - histórias completamente apagadas (BBC, 2018)⁴. O edifício encontra-se em reconstrução com a previsão de inauguração de uma primeira ala em 2022 (NEXO, 2019).

Não só um centro de referência mundial para a ciência e história, o Museu Nacional também era um lugar identitário e carregado de memórias afetivas - como são muitos dos patrimônios culturais para sua população. “Eu vi gente chorando como se fosse uma pessoa muito importante morrendo. De fato, era um museu que envolvia muitas vidas [...]” (UOL, 2018), testemunhou uma estudante da UFRJ.

A partir de memórias e reflexões de como poderia ter se escrito um destino diferente para o Museu, debates no campo do patrimônio questionam o futuro do país frente a esta temática.

Se um dos maiores e mais importantes museus do Brasil destrói-se em chamas, sem verba suficiente e gestão para garantir sua preservação, o que resta aos demais espaços carregados de história em todo o território nacional?

Neste contexto é que, em Estrela (município com cerca de 30 mil habitantes situado no Rio Grande do Sul) surge a apreensão ante a ameaça de ter o patrimônio cultural destruído por inação dos governos e da administração pública. O Complexo Industrial de uma antiga cervejaria da marca Polar, construído em 1949, desativado desde 2006, tornou-se pauta no momento em que a Câmara de Vereadores da cidade aprovou o projeto de lei que autoriza o Poder Público a doar uma parte do edifício, com o intuito de demoli-lo para a construção de um novo Fórum.

A população, que não foi consultada sobre a finalidade e uso deste espaço movimentou-se contra a demolição do conjunto de edifícios, promovendo ações em defesa de sua preservação expressas em um abraço coletivo ao prédio e num

4 O inquérito da Polícia Federal concluiu que o início do incêndio se deu, provavelmente, em um dos aparelhos de ar condicionado do edifício (G1, 2020). Na época, o Museu se encontrava em situação irregular junto aos bombeiros e apresentava má conservação - a negligência por parte dos governos envolvidos foi apontada por muitos como a principal causa do infortúnio.

abaixo-assinado em apoio à preservação, evidenciando ter forte relação afetiva com o complexo edificado e sua história.

O Complexo configura-se como um espaço tão significativo que o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) posicionou-se em prol de sua preservação obtendo, em setembro de 2019, junto ao judiciário federal uma medida liminar que proibiu qualquer ato de destruição, modificação ou construção no prédio até que a ação seja julgada.

Hoje se aguarda a tramitação e uma decisão da Justiça Federal quanto ao futuro do Complexo da Cervejaria Polar. Como não repetir os sentimentos evocados com a perda do Museu Nacional? A passagem do tempo incita reflexões sobre o significado deste espaço, seu valor identitário e afetivo para a população da região. Por seus inúmeros potenciais, seja como ponto turístico, centro cultural ou sede administrativa, o espaço estimula a concepção de projetos - sociais, culturais e urbanísticos - capazes de assegurar sua preservação e de agregar significado social ao conjunto arquitetônico.

1.1 Complexo Industrial da Polar: a história de um patrimônio ameaçado

A partir de um levantamento documental, obteve-se uma série de informações e impressões sobre o Complexo da Polar, dados que aqui contemplam o percurso metodológico desenvolvido.

Assim, carece inicialmente a contextualização de Estrela, essa que é uma cidade no centro do Rio Grande do Sul, localizada no Vale do Taquari, região que contempla 36 municípios. Sendo fundada em 1876, conta atualmente com uma população de 30 mil habitantes e configura-se como uma das cidades à costa do Rio Taquari e uma das únicas do estado que possui um entroncamento rodo-hidro-ferroviário pela presença do Porto de Estrela, de uma ferrovia ligada à Ferrovia do Trigo e das rodovias BR-386 e RST-453 (a chamada Rota do Sol).

Além de ser conhecida pelo seu porto, considerado um presente do então presidente Ernesto Geisel, que foi morador da cidade, e pelo Festival do Chucrute, o mais tradicional do estado, organizado pela comunidade de origem alemã, de

grande presença na cidade, Estrela também é lembrada pela sua história com a cervejaria Polar, esta que é, até hoje, relacionada ao povo gaúcho.

Segundo Schierholt (2002), a fabricação de cerveja foi uma das primeiras indústrias do primitivo território de Estrela, onde pequenos cervejeiros fabricavam a bebida para consumo local. Antes mesmo do início do que se tornou a cervejaria Polar, as marcas Cerveja *Polka* e *Polka Bier* se tornaram famosas na região.

Já a história da Polar no município iniciou por volta do ano 1914, com a fábrica de licores e vinagres intitulada Kortz & Dexheimer, que em seguida começou a investir também na fabricação de cerveja. Assim, em 1919, inaugurou-se a cervejaria Kortz, Dexheimer & Cia., da qual a marca mais conhecida era a cerveja Estrella - tipo Pilsen. Em 1925, a indústria ampliou-se, de forma que lançou a cerveja Estrella Stout, tornando-se, no ano seguinte, oficialmente a Fábrica de Cerveja Estrella.

Mais tarde, em 1938, a partir da vinda de mestres cervejeiros da Alemanha, desenvolveu-se a Bock Polar, a cerveja mais antiga deste padrão produzida no sul do Brasil. Alguns anos depois, em 1945, a empresa foi incorporada por um grupo de Santa Cruz do Sul e passou a produzir também refrigerantes como Soda Laranja e Gasosa Cristal, além de engarrafar a intitulada Água Estrela.

Finalmente, em 1949, inaugurou-se o emblemático prédio da Polar no município, ilustrado na Fotografia 1, ampliado em 4.500m² em 1962.

Fotografia 1 - Antigo prédio da Polar, que mais tarde foi ampliado



Fonte: CEC (2019).

Em 1957, a fábrica fazia tamanho sucesso, não só com as bebidas alcoólicas, mas também com os refrigerantes, que já empregava cerca de 800 funcionários (MAIA, 2010). Alguns anos mais tarde, alterou sua razão social de Polar S/A - Indústria, Comércio e Agricultura para Cervejaria Polar S/A.

Em 1962, considerado o ano de seu cinquentenário, a cervejaria se configurava fundamental para a economia de Estrela, participando com quase 60% da arrecadação municipal (SCHEEREN, 2015). Neste mesmo ano, a marca Polar inovou no mercado nacional ao lançar a cerveja Casco-Escuro (Figura 1 e Fotografia 2), isto é, contida em uma garrafa de cor âmbar, que até então sempre era verde ou transparente. Conforme Scheeren (2015), tal inovação se deu por conta de uma viagem de um dos funcionários da Polar à Alemanha, na busca por aperfeiçoar as técnicas cervejeiras, uma vez que consideravam a terra germânica o "berço da cerveja". Nesta visita, descobriu-se então a utilização do casco-âmbar, que faz com que a durabilidade da fermentação seja maior. A partir desta mudança em Estrela, outras marcas passaram a adotar o casco escuro, que hoje configura o casco mais utilizado em todas as cervejarias do Brasil.

Figura 1 - Rótulo da cerveja Casco Escuro, produzida na Cervejaria Polar



Fonte: dos Santos (2016).

Fotografia 2 - Lançamento da cerveja Casco-escuro no Estádio Olímpico



Fonte: Scheeren (2015).

Contudo, foi em 1972 que a cervejaria ganhou novos patamares ao ser comprada pelo grupo Antártica - que mais tarde veio a se tornar o grupo AmBev - Companhia de Bebidas das Américas, existente hoje (SCHIERHOLT, 2002). Passou então a receber grandes incentivos do município de Estrela, como, por exemplo, a doação de áreas de terra do governo. Além disso, teve seu nome alterado para Cervejaria Antarctica/Polar, de forma a preservar o nome "Polar", uma vez que este já tinha força no estado e, principalmente, na cidade. Conforme relatos na pesquisa de Scheeren (2015), os estrelenses tinham tamanho orgulho da cervejaria que as pessoas que consumissem alguma outra marca de cerveja nos anos 60, 70 e 80, eram vistos de forma estranha pela comunidade:

A cervejaria tinha uma relação muito forte com a comunidade. As pessoas só consumiam Polar [...], elas diziam que cerveja era Polar [...]. Eu acredito que os trabalhadores tinham orgulho de trabalhar lá, de consumir uma marca que era fabricada na cidade, era um orgulho, uma coisa enraizada. Dificilmente alguém de Estrela não tinha uma relação com a cervejaria ou com alguém que trabalhou lá (Entrevistada 16 – 13 de julho de 2015, grifo nosso). (SHEEREN, 2015, p. 59)

Em 1995 a empresa já tinha seu lucro triplicado, de forma que os cervejeiros puderam até mesmo ter participação nos lucros da empresa (MAIA, 2010). A Figura 2 retrata alguns dos rótulos de produtos que eram fabricados na cervejaria.

Figura 2 - Antigos rótulos de produtos feitos pela Cervejaria Polar



Fonte: Elaborado pela autora, com base em dos Santos (2016).

Contudo, em 1999, ocorreu a fusão das empresas Antártica e Brahma, o que passou a impactar negativamente a cervejaria de Estrela. Com a ameaça do possível fechamento da fábrica, a comunidade organizou um movimento para tentar fazer com que a indústria permanecesse na cidade, marcado pelo slogan "Pô, Polar, Estrela é teu lar" (Figura 3). O movimento também ficou marcado por um abraço simbólico da comunidade no edifício da cervejaria, conforme demonstra a Fotografia 3.

Figura 3 - Adesivos no formato da tampa de garrafa foram distribuídos



Fonte: Scheeren (2015).

Fotografia 3 - Comunidade organizou um abraço coletivo no Complexo em 1999



Fonte: Scheeren (2015).

Entretanto, apesar das tentativas da população, a Polar iniciou o processo de fechamento em 2001 (MAIA, 2010). Conforme Schierholt (2002, p. 387), nesse período a fábrica que outrora fora grandiosa, possuía somente 220 funcionários e representava 7% da arrecadação de impostos do município, resultando em cerca de R\$60 mil mensais.

Em 2002, ocorreu uma demissão em massa dos cervejeiros da fábrica (MAIA, 2010), ficando resguardado à Estrela somente o engarrafamento das cervejas que eram produzidas em Montenegro. Tal decadência resultou na sua desativação total em 2006 e veio a causar um grande problema social e econômico para a cidade.

No entanto, apesar do fechamento da indústria em Estrela, a Polar continua sendo a maior e mais antiga marca regional da AmBev e o fato de ser vendida apenas no sul do país é sua principal diferenciação. Seu slogan “A melhor é daqui”, reitera o orgulho de ser uma cerveja exclusivamente gaúcha que possui uma forte relação com a população do estado (MAIA, 2010). Relação que se acentua na população de Estrela, que até hoje possui carinho pela cervejaria. O orgulho com que parte da população ainda trata da história ficou evidenciado quando em 2016 a Ambev realizou uma campanha publicitária para a marca Polar, homenageando oito cidades gaúchas, não incluindo Estrela. A chamada “Para viajar pelo RS sem sair do bar”, como ilustrado na Figura 4, contemplou edições especiais de latas que narram elementos da cultura gaúcha e homenagearam Bagé, Caxias do Sul, Cruz Alta, Erechim, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria e Uruguaiana. Conforme o A Hora (2016), centenas de estrelenses e até mesmo o perfil oficial da prefeitura utilizaram as redes sociais para reclamar do fato de não terem sido lembrados. Um ex-funcionário da empresa lamentou ao jornal: “Foi um desprezo total pela história”.

Figura 4 - Propaganda da Polar reitera a forte relação da bebida com o povo gaúcho



Fonte: Propmark (2016).

Já em relação à estrutura física, com a desativação da fábrica, a prefeitura de Estrela, em conjunto com o Grupo Conpasul, efetuou a compra do Complexo Industrial em 2008, pelo valor final de 1 milhão e 400 mil reais. Como justificativa à aquisição, a prefeitura afirmou o intuito de reabrir a via pública existente no local, conhecida como Rua da Praia, fechada pela empresa com autorização municipal desde 1973. Além disso, também houve o interesse de utilizar a Estação de Tratamento do edifício para tratar o esgoto de diversos bairros, bem como permitir um aproveitamento turístico do Complexo e da orla do Rio Taquari e o uso das dependências da antiga fábrica para centralizar unidades administrativas da prefeitura.

Em 2010, Schnack (2012) catalogou e registrou quarenta e uma edificações com valor histórico, realizando em sua pesquisa um inventário do patrimônio cultural de Estrela, no qual consta o Complexo da Polar (a ficha do inventário pode ser vista no Anexo 1). Na época, a Secretaria de Cultura e Turismo colaborou com seu trabalho, o que demonstrava o interesse pelo edifício da cervejaria e demais patrimônios da cidade. Conforme a autora, “a pesquisa tomou como delimitação

territorial a região central da cidade, sendo essa a parte mais antiga e com maior concentração de edificações historicamente relevantes” (SCHNACK, 2012, p. 59).

Cabe então contextualizar a localização do Complexo Industrial, que fica às margens do Rio Taquari, bem ao centro de Estrela, onde não só teve início a fábrica de cerveja, como todo o desenvolvimento da cidade em si. Por este motivo, o edifício apresenta em seus arredores demais espaços identitários e históricos.

Destaca-se a escadaria, expressa na Fotografia 4, inaugurada em 1924, que foi revitalizada em três etapas pelo governo municipal entre 2015 e 2020, com recursos concedidos pelo Ministério do Turismo (FOLHA POPULAR, 2018), sob o pretexto de devolver à população um dos locais históricos mais importantes da cidade. Tal requalificação, em seu princípio, já evidenciava o interesse e o potencial de transformar a área em ponto turístico, o que contribui para questionar a posição equivocada do governo municipal frente ao Complexo da Polar, conforme o trabalho ainda aprofundará.

Fotografia 4 - Área da escadaria que foi revitalizada pelo governo municipal



Fonte: Registrada pela autora.

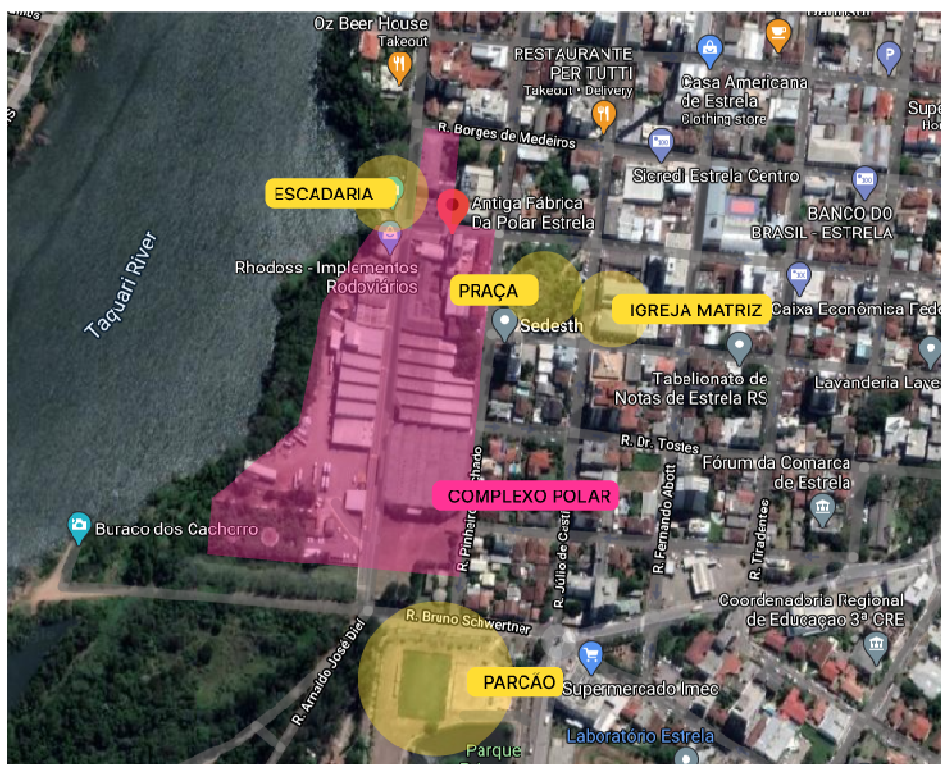
Além disso, a escadaria também se configura como local em que ocorre uma das principais movimentações culturais e de apropriação do espaço público por parte da população estrelense, o Arte na Escadaria (Fotografia 5), definido conforme a página na rede social Facebook (ARTE NA ESCADARIA, 2020) como “movimento artístico cultural que acontece uma vez ao mês na Rua da Escadaria da Polar, na cidade de Estrela - RS”. O evento convida artistas e artesões da região a vir expor seus trabalhos na área da escadaria e arredores do edifício da Polar. Ainda, além da escadaria, permeiam a região (conforme mapa na Figura 5) ao redor a Igreja Matriz e a praça da Matriz, e o Parque Princesa do Vale (popularmente chamado de Parcão).

Fotografia 5 - Evento Arte na Escadaria acontece ao lado dos prédios da Polar



Fonte: dos Santos (2019).

Figura 5 - Área que engloba o Complexo da Polar, às margens do rio Taquari



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Google Maps (2021).

Contudo, apesar da localização favorável, com demais bens históricos, movimentação cultural e potencialmente turística, as boas intenções que justificaram a aquisição do local não se concretizaram. Em 2013, um dos antigos prédios do Complexo Industrial pegou fogo, conforme mostra a Fotografia 6. A prefeitura de Estrela vinha utilizando o local como depósito de estofados e estima-se que mais de mil sofás queimaram no incêndio (G1, 2013). Tal acontecimento já demonstrava certo descaso da prefeitura municipal de Estrela frente às edificações da antiga Polar, no entanto, somente alguns anos depois que surgiu a polêmica mais significativa acerca deste espaço.

Fotografia 6 - Bombeiros combatendo o fogo na Polar



Fonte: dos Santos (2013).

Em dezembro de 2018, a Câmara de Vereadores de Estrela aprovou o projeto de lei que autorizava o Poder Público a doar uma área de 2.178 metros quadrados do Complexo Industrial da Polar (área retratada nas Fotografias 7 e 8), que então seria demolido para a construção de um novo Fórum na cidade. O projeto de lei também previa um investimento de R\$400 mil, por parte do Executivo municipal, para arcar com os custos da demolição do edifício (A HORA, 2021).

Segundo Caren Letícia Castro Pereira, juíza e diretora do foro da Comarca, a escolha do terreno se deu por parte da própria prefeitura. Na época, a autoridade também defendeu a necessidade de construção de uma nova sede, já que o prédio em que estavam não possuía a estrutura e nem comportava a demanda de trabalho (O INFORMATIVO, 2018).

Fotografia 7 - Parte do prédio histórico que foi ameaçado de demolição



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 8 - Prédio da antiga cervejaria Polar sofre as marcas do tempo



Fonte: Registrada pela autora.

Diante da aprovação do projeto de lei, houve reação significativa contrária à demolição por parte da população local. Além de um abaixo assinado realizado pela internet, a fim de pressionar o prefeito da cidade a revogar a lei, a comunidade também organizou uma ação simbólica de abraço coletivo no edifício da antiga cervejaria (Fotografia 9). Ainda em 2018, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) também demonstrou posição contrária à demolição ao solicitar uma medida liminar em defesa do Complexo Industrial, que impediria o Município de iniciar qualquer ato de destruição, modificação ou construção do prédio até que a ação fosse julgada. Na época, o Conselho defendeu que a lei aprovada ia contra o próprio Plano Diretor do município, que prevê a destinação de requalificação para esta área da cidade onde estão os edifícios da Polar, bem como ressaltou as diversas manifestações da comunidade para que fossem preservadas as instalações devido a seu valor histórico e cultural. No entanto, conforme anunciado em junho de 2019, a 1ª Vara Federal de Lajeado não aceitou o pedido de liminar do CAU, ressaltando que o conselho não apresentou planos ou projetos concretos para a revitalização do espaço, nem que a população local tenha recorrido ao Ministério Público. Na época, o prefeito Carlos Rafael Mallmann, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), afirmou receber a decisão com cautela, apesar de sinalizar que a decisão da Vara vinha de encontro ao pensamento da administração municipal.

Fotografia 9 - Comunidade organizou abraço coletivo na Polar



Fonte: Independente (2018).

Em setembro de 2019, o Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) enfim atendeu ao pedido do Conselho de Arquitetura e Urbanismo, proibindo então qualquer ato de demolição na área que abriga a antiga cervejaria (A HORA, 2019).

Segundo o CAU (2019), a edificação é relevante pelos seus aspectos técnicos e históricos (Fotografia 10) por se situar em um dos locais mais importantes de Estrela, a chamada Rua da Praia, e por se encontrar em frente à escadaria do antigo atracadouro de barcos, hoje restaurado pelo município. Ainda segundo o conselho, existem alternativas concretas que são capazes de atender aos interesses das partes envolvidas, conforme demonstrou um estudo preliminar que está registrado nos autos do processo.

Fotografia 10 - Prédio tem letreiro único, feito com fundos de garrafas da cor âmbar



Fonte: Registrada pela autora.

Além do CAU, outras várias entidades se manifestaram a favor da preservação da antiga fábrica, como a Sociedade de Engenheiros e Arquitetos do Vale do Alto Taquari (SEAVAT), o Conselho Estadual de Cultura, o Colegiado

Setorial de Memória e Patrimônio do RS, o Comitê Brasileiro para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH–Brasil) e o Comitê Brasileiro do Conselho Internacional dedicado à conservação de monumentos e sítios (ICOMOS/BRASIL).

Na época, segundo O Informativo (2020), a Administração de Estrela afirmou que não faria nada com o prédio da Polar até que a Justiça Federal desse a sentença final do processo.

Na espera de uma decisão judicial, ainda durante 2020, as paredes do Complexo começaram a receber painéis artísticos, com cerca de 364 metros quadrados cada. O artista Sérgio Werle foi contratado pela prefeitura municipal para retratar em duas pinturas “a Estrela de hoje e a Estrela das lembranças” (A HORA, 2020), contando com elementos culturais e arquitetônicos que formaram a comunidade e a cidade, como forma de valorizar e resgatar a história do município. A pintura, expressa na Fotografia 11, marcou a conclusão da terceira etapa de revitalização que a prefeitura vem realizando, com recurso federal, na escadaria de acesso ao Rio Taquari. Segundo a secretária de Cultura e Turismo, Carine Schwingel, idealizadora do projeto, as pinturas buscam ajudar a consolidar este espaço como um ponto turístico da cidade.

Fotografia 11 - Pintura retrata elementos e povos característicos da cidade



Fonte: Registrada pela autora.

Já durante as eleições municipais de 2020, o grupo Rua da Praia, formado por pessoas da comunidade, articulou uma Carta Compromisso, que foi entregue aos candidatos, contendo os principais pontos de preocupação para com o futuro do espaço da Polar. Entre os aspectos levantados está a necessidade de reconhecer o valor histórico do Complexo e seu entorno por meio de Lei Municipal, tombamento ou outra forma oficial de proteção (O INFORMATIVO, 2020). Somente dois dos sete candidatos não assinaram a Carta Compromisso, sendo um deles o prefeito eleito, Elmar Schneider, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Seu plano de governo também não contemplou nenhuma proposta específica para o espaço da Polar.

Quando contatada pela pesquisadora, a Secretaria de Cultura e Turismo de Estrela afirmou, através do Setor de Patrimônio, que está ampliando a pesquisa sobre o local para definir qual o melhor destino para o Complexo, sem nenhum plano concreto no momento.

Contudo, segundo matéria veiculada pelo A Hora (2021), em fevereiro de 2021, a Justiça Federal sugeriu um acordo de conciliação entre o CAU e o Governo de Estrela, a fim de resolver o processo iniciado em 2019. A justiça percebe a realização e o incentivo de atividades culturais no local por parte da prefeitura (a pintura dos painéis, por exemplo) como um sinal para um entendimento. Ainda conforme o jornal, o prefeito Elmar Schneider avalia propostas para o local, sendo a instalação de um centro tecnológico para startups uma delas.

Finalmente, em visita ao local, onde se teve oportunidade de adentrar um dos edifícios do Complexo, identificou-se que este é utilizado atualmente como depósito para decoração natalina, móveis e objetos obsoletos. As Fotografias 12, 13, 14, 15, 16 e 17 demonstram o interior do edifício em fevereiro de 2020, aguardando uma reviravolta, um futuro diferente deste.

Da constatação da importância do destino do Complexo da Cervejaria Polar, visto sua história e a movimentação organizada pela população da região, surge a questão que será apresentada a seguir nesta monografia.

Fotografia 12 - A escrita dos termos “fermentação” e “maturação” lembram que o espaço já foi uma cervejaria



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 13 - Plantas crescem em meio ao concreto pela falta de manutenção



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 14 - Decoração de Natal é uma das diversas coisas armazenadas no Complexo



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 15 - Espaço onde se armazenavam os tanques de cervejas



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 16 - Estado de abandono em determinadas partes do Complexo



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 17 - Lixo é a única coisa que ocupa algumas partes do Complexo



Fonte: Registrada pela autora.

1.2 Questão de estudo

Esta pesquisa foca-se em investigar como o *design* pode auxiliar na valorização da identidade e promover a apropriação e interação do Complexo Industrial da antiga Cervejaria Polar, em Estrela/RS com a população da região do Vale do Rio Taquari.

1.3 Delimitação do tema

O tema se delimita ao espaço físico do Complexo da Polar, na cidade de Estrela, contudo em um contexto de Vale do Taquari, localizado na região central do Rio Grande do Sul. O Vale, retratado na Figura 6, é formado por 36 municípios, tendo Lajeado como cidade polo, e sendo atravessado pelo rio Taquari.

Figura 6 - Mapa do Vale do Taquari



Fonte: CIC (2021).

Além disso, abrange cerca de 348 mil pessoas, população que é formada por várias etnias, tendo expressividade nas origens alemã, italiana e açoriana (CIC, 2021). Sua localização no Estado é estratégica, apresentando fácil acesso a outras regiões do Rio Grande do Sul e do país, especialmente pela BR-386.

Nos grandes municípios, como Lajeado e Estrela, a economia é marcada pela indústria e pelo setor de serviços e comércio, enquanto que nos municípios menores, como Santa Clara do Sul, Cruzeiro do Sul e Teutônia a produção agropecuária tem maior relevância econômica. Desta forma, a área rural é caracterizada pela existência de pequenas e médias propriedades, que totalizam cerca de 43 mil produtores rurais, o que coloca a região em 2º lugar em termos de produtividade rural (R\$/Km²) no Rio Grande do Sul. Assim, a economia da região é caracterizada pela produção de alimentos, sendo que cerca de 80% da produção é do agronegócio (CIC, 2021).

1.4 Problema

A ameaça de demolição do Complexo Industrial da Polar por parte do governo municipal, por consequência, configura também uma ameaça de perda da identidade cultural atrelada à história do espaço e às relações ali estabelecidas. Em 2019, a 1ª Vara Federal de Lajeado não aceitou o pedido de liminar do CAU em defesa da preservação do edifício, justificando não terem sido apresentados planos concretos para a revitalização do espaço. Mesmo que posteriormente o Tribunal Regional Federal da 4ª Região tenha enfim acatado o pedido do conselho, o Complexo Industrial ainda não possui nenhum projeto concreto e viável em seu horizonte. Da mesma forma, as movimentações da população demonstram que há um eminente desejo por preservá-lo e por transformá-lo em um espaço de homenagem, memória e convívio, contudo, não há indícios de qualquer oportunidade oficial de escuta dessas pessoas e suas ideias por parte da prefeitura. Portanto, esta pesquisa se questiona: como impedir o processo de perda física e simbólica do bem cultural por meio da elaboração de um projeto cocriado com a população da região?

1.5 Objetivos

1.5.1 Objetivo geral

Esta monografia tem por objetivo geral, desenvolver um plano investigativo e cocriativo para geração de soluções junto à comunidade com a finalidade de promover a valorização do antigo Complexo Industrial das instalações da Cervejaria Polar, em Estrela/RS, a preservação de sua história e a interação da população com este espaço da cidade.

1.5.2 Objetivos específicos

Entre os objetivos específicos estão:

- a) Investigar a história do Complexo Industrial da Polar e como se deu seu desenvolvimento dentro da região;
- b) Compreender qual o papel que o Complexo apresenta na identidade da cidade de Estrela;
- c) Compreender qual a situação atual do Complexo e quais os projetos existentes para esse espaço;
- d) Investigar como a comunidade pode ser parte ativa de processos cocriativos;
- e) Identificar como o *designer* pode participar de processos de investigação e valorização de patrimônios.

1.6 Justificativa

Em um tempo em que se derrubam estátuas ao redor do mundo por analisar e compreender que os discursos nelas simbolizados não representam mais ideias da sociedade e apresentam-se como ofensivos, em que um presidente homenageia um

torturador da ditadura militar brasileira⁵ e opta por subordinar a área cultural ao Ministério do Turismo, a pesquisa e o questionamento sobre as temáticas que circundam os campos da cultura e da memória na formação de identidade da população apresentam-se como relevantes e necessários.

É justamente por levantar reflexões acerca do que se tem preservado ou não e buscar ouvir narrativas diversificadas acerca do espaço-tempo, compreendendo as nuances de subjetividade que envolvem a temática em si, que este trabalho se evidencia necessário e assume um caráter social.

Esta pesquisa também se justifica pela ampliação de conhecimento e pela proposta de uma nova perspectiva de análise ao abordar questões urbanísticas identitárias sob o ponto de vista do *design* - que tradicionalmente, no Brasil, pouco adentra tal campo de estudo. Desta forma, esse trabalho traz consigo a relevância de pensar as novas formas de atuação do *designer* frente aos problemas complexos do território, abordando inovação social e *Design* Centrado no Ser Humano.

Além desse aspecto, tratando-se especificamente do espaço escolhido para análise, o trabalho proposto se torna oportuno ao considerar a recente ameaça de demolição do Complexo da Polar, explicitando a urgência de debater este território e abordar novas propostas para o mesmo. Nesse sentido, ainda se torna relevante o desenvolvimento de um plano investigativo e cocriativo por caracterizar uma tentativa de valorização do espaço de forma viável e benéfica para a sociedade envolvida com o local, garantindo não só a preservação do patrimônio e a valorização da memória, mas também a existência de um espaço representativo, que proporcione bem-estar à comunidade e uma melhor interação da população com a cidade de Estrela.

Por fim, esta pesquisa também encontra justificativa em aspectos pessoais da vida da autora, uma vez que esta cresceu em uma cidade vizinha a Estrela, de forma que o Complexo Industrial da Polar sempre esteve presente em momentos de sua vida, evocando memórias afetivas e contribuindo em sua formação identitária. A autora, ao investigar este espaço, busca gerar alguma contribuição urbanística para a região em que vive.

⁵ Refere-se ao fato de o presidente Jair Bolsonaro prestar homenagens, como chamá-lo de “herói nacional”, a Carlos Alberto Brilhante Ustra, reconhecido torturador pela Justiça brasileira (VEJA, 2019).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O espaço como leitura social

O contato com determinado lugar, seja ele passageiro ou duradouro, torna inevitável que se inicie uma relação entre sujeito e espaço, em que se estabelece uma formação de conteúdo, uma animação do objeto espacial em questão, pois há ali um indivíduo a dar-lhe significado, vida para além de sua estrutura física.

Conforme define Santos (2006, p. 109)

É a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida. Só a vida é passível desse processo infinito que vai do passado ao futuro, só ela tem o poder de tudo transformar amplamente. Tudo o que não retira significação desse comércio com o homem, é incapaz de um movimento próprio, não pode participar de nenhum movimento contraditório, de nenhuma dialética.

Neste sentido, os indivíduos tornam-se essenciais no processo de significação dos lugares e o fazem com leituras da realidade diferenciadas, cada qual com sua visão singular e carregada de lembranças e significados. Conforme afirma Lynch (1997), “Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas”. Isto é, o sujeito age sobre o espaço conforme suas próprias vivências e conhecimentos, estes também sustentados pela relação anterior que o indivíduo já teve com outros objetos e pessoas, resultando em uma relação em que o significado da forma impacta o sujeito, bem como o sujeito impacta o significado da forma.

Portanto, passa a existir uma interdependência entre as relações criadas e os objetos em questão (SANTOS, 2006), que é mutável, visto a passagem do tempo e as dinâmicas sociais, isto é, o lugar está em transformação, mesmo quando sua estrutura permanece, dia após dia, exatamente a mesma. Para Santos (2006, p. 156),

As formas asseguram a continuidade do tempo mas o fazem através da sucessão dos eventos, que mudam o seu sentido. O objeto tem autonomia de existência, devida à sua existência corpórea, mas não tem autonomia de significação [...].

Assim, as formas também podem assumir significados coletivos, isto é, quando sua dialética passa a ser representativa dentro de grupos sociais. Quando lhes é atribuída tamanha importância, transpondo a opinião de somente um indivíduo ou grupo singelo de pessoas, tais formas podem acabar por tornarem-se identitárias dentro da sociedade, interligando pessoas, gerações, transformando-as em formas testemunhais da história. São assim consideradas patrimônios culturais, configurando elementos que são “tão importantes para o grupo que adquirem o valor de um bem - um bem cultural - e é por meio deles que o grupo se vê e quer ser reconhecido pelos outros” (IPHAN, 2016, p. 7).

Patrimônio cultural que se divide entre material e imaterial, sendo este último caracterizado por saberes, costumes, tradições, modos de fazer, músicas, entre demais aspectos intangíveis. Já para o patrimônio material são considerados bens móveis ou imóveis como edifícios, objetos, monumentos, paisagens naturais e documentos. Segundo o Decreto-Lei nº 25/1937, o patrimônio cultural se constitui de elementos “existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”.

Nesse sentido, por valor arqueológico, conforme o IPHAN (2021) compreendem-se os monumentos arqueológicos ou pré-históricos, como locais onde se encontram vestígios de atividade humana, isto é, cemitérios, sepulturas, inscrições rupestres, sambaquis, entre outros. Por valor etnográfico, entende-se “[...] um valor de tombamento que se relaciona à apreensão da cultura pela coisa material. [...] Esse valor pode fazer referência a um bem cultural considerado excepcional por sua unicidade [...]” (IPHAN, 2021). Isto é, quando um determinado bem está associado à identidade coletiva e representa tradições, saberes, valores e sentimentos de um grupo. O Estádio do Maracanã, por exemplo, é tombado por sua monumentalidade e pelo valor simbólico existente para quase todo povo brasileiro, não só para a população do Rio de Janeiro. Já o valor bibliográfico pode se referir a patrimônios móveis como manuscritos e livros antigos e raros, enquanto que o valor artístico abrange as obras consideradas de alto valor artístico ou cultural, como esculturas e pinturas, entre outros.

Conforme o IPHAN (2016, p. 8), “o patrimônio cultural faz parte da vida das pessoas de maneira tão profunda que, algumas vezes, elas sequer conseguem dizer

o quanto ele é importante e por quê. Mas, caso elas o perdessem, sentiriam sua falta”.

Daí a importância de reconhecer tais elementos e garantir suas existências, pois são elementos aos quais a memória e a vida social apresentam sentidos singulares, carregados de afeição, sentimentos de pertencimento, participação, enraizamento e identidade. Nesse caso, a preservação de tais significados e dialéticas reconhece a importância dos elementos e das formas, como uma consideração pelas histórias evocadas, pelo seu papel particular perante a sociedade. São como um recurso para situar-se, para a compreensão do tempo, da sociedade, dos grupos e também de si. Uma forma de conceber o passado para vivenciar o futuro.

Ainda, ao reconhecer a importância dos grupos sociais na definição de quais elementos são preservados ou não, deve-se considerar a existência das disputas, isto é, considerar que tais processos de escolha não são unânimes, mas sim permeados por conflitos, pelo contraditório. Segundo Bourdieu (2004), ao desenvolver sua teoria dos campos, todo cidadão integra grupo ou grupos de agentes que participam em disputa por seus valores na arena da cidade. Ou seja, a cidade é percebida como espaço onde diferentes narrativas buscam se estabelecer, ou mesmo se sobrepor.

Assim, a cidade e a sociedade são estruturadas por campos, definidos como um espaço social e multidimensional, composto por agentes (indivíduos ou instituições) e suas ações e interações sociais. Campo também é considerado “[...] uma rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementariedade ou de antagonismo, etc.) entre posições [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 261), de forma que a posição de um indivíduo (agente) depende também da sua situação dentro da amplitude do campo. A teoria também destaca a existência de agentes dominantes, aqueles que exercem o poder (no caso, um poder simbólico), e de sujeitos subordinados, que permitem que este poder seja praticado.

O autor ainda defende que “Cada campo é o lugar de constituição de uma forma específica de capital” (BOURDIEU, 2004, p. 26), e portanto, existem vários tipos de campo, como campo político, campo cultural, campo social, campo econômico, campo científico, entre outros. Assim, no campo cultural, por exemplo, predominaria então aqueles agentes que detém a maior posse do capital cultural. O mesmo funciona para demais campos.

Assim, a contextualização da teoria de Bourdieu (2004) cabe nesta pesquisa como condição da proposta de um plano participativo, bem como base para o reconhecimento dos atores que serão aprofundados posteriormente, uma vez que, ao falar da existência das disputas na cidade, especificamente dentro da discussão patrimonial cultural, torna-se relevante que aconteça esta identificação dos campos estabelecidos e seus respectivos interesses.

2.2 *Design* social e práticas coletivas

Enquanto *designer* na proposição de um projeto participativo e ativista, envolto no urbanismo, também busca-se investigar quais trajetórias e contextos interligam as temáticas sociais aqui tratadas à profissão. Se hoje um *designer* possui conhecimento e ferramentas para abordar, junto de outras profissões, questões transdisciplinares, há um caminho anteriormente percorrido por personalidades que propuseram alternativas ao tradicional, dentro e fora da academia, sendo Papanek (1971), possivelmente um entre os pioneiros.

Em 1971, o *designer* publicou a primeira edição de *Design for the real world*, obra que configura um marco no campo do *design* e influenciou o pensar e atuar da profissão nas gerações de *designers* futuras.

O *design* surgiu, aos poucos com esta denominação, por volta de 1850 com o propósito de desenvolver a estrutura e aparência de artefatos, pensando aspectos como eficiência e atratividade. Nas décadas seguintes, com a industrialização, deteve-se a produção de bens de consumo em massa, reforçando lemas como o famoso “a forma segue a função”. Foi a partir dos anos 70, com a publicação de Papanek, que a profissão passou a ser alvo de discussões e reflexões sobre seu real papel na sociedade, principalmente em termos de sustentabilidade, uma vez que se anunciavam, pela primeira vez, dados da ONU referentes à crise ambiental (CARDOSO, 2013).

Em sua obra, Papanek (1971) clamava pelo fim do *design* industrial, que considerava inerentemente prejudicial, e defendia um *design* feito para as pessoas e para os reais problemas do mundo, que à época enfrentava diversas situações de fome e miséria, a Guerra Fria e conflitos raciais, entre outras problemáticas. Para

ele, a prática de *design* até então constituía uma ameaça, uma ferramenta perigosa e poluidora, fazendo, a partir disso, um chamado para os *designers* repensarem seus propósitos, de forma a estimular uma nova visão:

O *design* deve ser uma ferramenta inovadora, altamente criativa e interdisciplinar que atenda às verdadeiras necessidades dos homens. Deve ser mais voltado para a pesquisa, e devemos parar de contaminar a própria Terra com objetos e estruturas mal projetados (PAPANÉK, 1971, p. 15, tradução nossa).⁶

Sua proposta também abordava a troca da ideia de “funcionalidade” por “função social”, de forma a pensar o *design* com um propósito maior, de impacto positivo. Em suas palavras (PAPANÉK, 1971, p. 19), “o *design* pode e deve se tornar uma forma pela qual os jovens podem participar na mudança da sociedade”.

Passadas quase quatro décadas da primeira publicação de *Design for the real world*, a obra de Papanek continua relevante no campo, apesar das significativas transformações ocorridas no mundo desde os anos 1970. Não à toa, o livro continua guiando obras recentes e marcantes como a releitura nacional de Cardoso (2013), intitulada *Design para um mundo complexo*, e a escrita altamente crítica de Monteiro (2019) em *Ruined by Design: How Designers Destroyed the World, and What We Can Do to Fix It*⁷. Sua abordagem continua válida, mas os cenários enfrentados pelos *designers* de hoje sugerem novas discussões e preocupações, visto que os próprios campos de atuação se amplificaram e se transformaram.

Monteiro (2019), por exemplo, levanta uma discussão sobre *design* impensável à época de Papanek, ainda sem a existência da internet e das interfaces e dispositivos. Sua obra se detém no *design* de interfaces para sistemas digitais que por vezes são ilegais ou carecem de ética, fazendo crítica a grandes corporações como Facebook, Twitter e Uber. Para usar um de seus exemplos, uma base de dados que vaza informações privadas sobre imigrantes e auxilia o governo americano a encontrá-los e deportá-los foi criação de um *designer* que estava ciente do impacto de seu trabalho e optou por fazê-lo mesmo assim.

Nesse sentido, o que a obra recente encontra de semelhante à de Papanek é a súplica por um *design* responsável e vinculado aos interesses da sociedade, o que

⁶ Citação original: “*Design must be an innovative, highly creative, cross-disciplinary tool responsive to the true needs of men. It must be more research-oriented, and we must stop defiling the earth itself with poorly-designed objects and structures.*”

⁷ “Arruinado pelo *design*: Como *designers* destruíram o mundo, e o que podemos fazer para consertar isso” (tradução nossa).

demonstra os desafios ainda existentes em diversas áreas do *design*. Para o autor (MONTEIRO, 2019, p. 20, tradução nossa),

O *design* não existe em um vácuo. A sociedade é o maior sistema que podemos impactar e tudo o que você faz, bom e ruim, faz parte desse sistema. Em última análise, temos que julgar o valor do nosso trabalho com base nesse impacto, em vez de quaisquer considerações estéticas. Um objeto que é projetado para prejudicar as pessoas não pode ser considerado bem projetado, não importa o quão esteticamente agradável possa ser, porque projetá-lo bem é projetá-lo para prejudicar os outros.⁸

Cardoso (2013, p. 42-43), ao escrever uma obra de abordagem mais ampla, também trata do emaranhado de dependências do sistema social e ambiental e da necessidade atual de criações compartilhadas:

Uma das grandes vantagens de reconhecer a complexidade do mundo é compreender que todas as partes são interligadas. Sendo assim, as ações de cada um juntam-se às ações de outros para formar movimentos que estão além da capacidade individual de qualquer uma de suas partes componentes.

Desta forma, em uma realidade em que o *design* compreende as transformações e consequentes demandas da sociedade e do mundo e, portanto, reconhece sua própria necessidade de acompanhar tais mudanças e reinventar-se como profissão historicamente vanguardista, ainda considerando as potencialidades de suas ferramentas e metodologias, o *design* passa a se moldar para atuar em contextos não-tradicionais.

Conforme afirma Cardoso (2013, p. 234):

O *design* é um campo de possibilidades imensas no mundo complexo em que vivemos. Por ser uma área voltada, historicamente, para o planejamento de interfaces e para a otimização de interstícios, ela tende a se ampliar à medida que o sistema se torna mais complexo e à medida que aumenta, por conseguinte, o número de instâncias de inter-relação entre suas partes. O *design* tende ao infinito - ou seja, a dialogar em algum nível com quase todos os outros campos de conhecimento [...] A grande importância do *design* reside, hoje, precisamente em sua capacidade de construir pontes e forjar relações num mundo cada vez mais esfacelado pela especialização e fragmentação de saberes.

⁸ Citação original: "*Design does not exist in a vacuum. Society is the biggest system we can impact and everything you do, good and bad, is a part of that system. Ultimately we have to judge the value of our work based on that impact, rather than any aesthetic considerations. An object that is designed to harm people cannot be said to be well-designed, no matter how aesthetically pleasing it might be, because to design it well is to design it to harm others.*"

É nesse sentido que a profissão ganha novos patamares de atuação e significância, colocando-se em posição de articulação e incorporando em seus processos e métodos os indivíduos que irão se beneficiar do projeto, pois compreende que suas vivências e saberes tornam-se essenciais no desenvolvimento de uma solução de fato eficiente. Dessa forma, propõe-se a substituição do “projetar para” pelo “projetar com”, conforme aborda Krucken (2009, p. 45):

A transição de produtos para serviços reforçou a necessidade de ver o *design* “como um serviço”, implicando modelos de ação colaborativos, contínuos e abertos, que incluam o usuário. Dessa forma, a autoria de um projeto, que resulta em novos serviços para a vida cotidiana das comunidades, passa a ser distribuída ou coletiva.

É também nessa mudança de perspectiva que o *design*, quatro décadas depois, passa a atender as súplicas de Papanek (1971) em contribuir de forma significativa e com relevância para os reais problemas do mundo. O *design* para inovação social, isto é, um *design* hábil, atento e sensível para com a sociedade e seus desafios, surge como área recente na academia e no meio profissional (MANZINI, 2008). Para Manzini (2008, p.16),

[...] os *designers* podem ter um papel muito especial e, esperamos, importante: mesmo não tendo meios para impor sua própria visão aos outros, possuem, porém, os instrumentos para operar sobre a qualidade das coisas e sua aceitabilidade e, portanto, sobre a atração que novos cenários de bem-estar possam porventura exercer. Seu papel específico na transição que nos aguarda é oferecer novas soluções a problemas, sejam velhos ou novos, e propor seus cenários como tema em processos de discussão social, colaborando na construção de visões compartilhadas sobre futuros possíveis e sustentáveis.

Assim, estabelece-se a amplitude atual da profissão, bem como a importância que assume na concepção e implementação compartilhadas de novas realidades sociais.

2.3 A (re)construção dos lugares

Sendo a profissão transformada, um dos nichos emergentes de atuação do *designer* passa a ser o território, este que cada vez mais se caracteriza pela

transdisciplinaridade. Nesse âmbito, ao compartilhar o campo com outras profissões (como arquitetos, geógrafos, engenheiros, historiadores, sociólogos e afins), o *designer* pode atuar perante a comunidade, utilizando-se de um olhar sistêmico para ajudar a identificar interesses e viabilidades.

Krucken (2009) aborda um viés socioeconômico em que o *designer* busca identificar potencialidades ao agregar valor a produtos locais e tanto fortalecer quanto estimular a identidade local. Para a autora (KRUCKEN, 2009, p. 49),

A abordagem do *design* aplicada ao território visa beneficiar simultaneamente produtores e consumidores localizados em uma determinada região geográfica. Isso significa planejar ações que valorizem conjuntamente o capital territorial e o capital social, em uma perspectiva duradoura e sustentável em longo prazo.

Ao buscar trabalhar a “criação de uma imagem positiva ligada ao território, a seus produtos e serviços” (KRUCKEN, 2009, p. 43), muitas oportunidades podem surgir para produtores, empresas e demais atores locais. Segundo a autora, para isto, é necessário que haja um clima empreendedor favorável, no sentido de que exista a capacidade da comunidade de trabalhar em conjunto. Para Krucken (2009, p. 51-52), o *designer* pode auxiliar como facilitador do processo de inovação e de desenvolvimento econômico e sociocultural de diversas formas, destacando entre elas aspectos como: desenvolvimento de produtos e serviços com alto valor agregado, com base na riqueza cultural local; processos colaborativos, que fortaleçam o pertencimento da comunidade, para aperfeiçoar o *design* local, promovendo discussões sobre tradição e inovação; fortalecimento de uma imagem para o território, seus produtos e empresas; projeto de interfaces e novas formas de intermediação entre os produtos e os consumidores; entre outros.

Da mesma forma, Manzini (2017) propõe ao *designer* um novo local em que busca alimentar e apoiar projetos individuais e coletivos. Ao considerar que todos são capazes de projetar, de fazer *design*, o autor descentraliza o profissional como detentor único das soluções e coloca-o como especialista que pode potencializar a criatividade da própria comunidade, em um formato de cooperação em equipes multidisciplinares.

Ao abordar a relação entre o *design* para inovação social e o território, apresenta ao leitor o termo *placemaking*, conceito e movimento que busca criar e gerir espaços públicos voltados para a interação com as pessoas, de forma que

promovam o encontro da comunidade de forma inclusiva e sustentável (PLACEMAKING BRASIL, 2020). Neste processo, o *design* configura-se como “agente que contribui de uma maneira original para a construção social de lugares” (MANZINI, 2017, p. 207).

Manzini (2017), da mesma forma com que aborda Santos (2006), coloca a produção de sentido pelas pessoas como fator primordial de transformação do espaço físico em lugar. Para ele, ainda é necessário que indivíduos atuem de forma compartilhada sobre este espaço e que, ao decidir começar uma organização colaborativa sobre determinado lugar, as pessoas:

[...] se tornam um tipo especial de comunidade intencional: uma comunidade relacionada ao lugar e, conseqüentemente, uma comunidade de *placemaking*. Uma vez que essas são comunidades que existem por escolha, os lugares resultantes existem por escolha também. Em suma: eles são lugares intencionais, coprojetados por comunidades intencionais. (MANZINI, 2017, p. 208).

A intencionalidade ganha destaque em sua fala por evidenciar que, desta forma, há ali um reconhecimento da importância do lugar, bem como a busca por uma nova ideia de bem-estar, esta almejada no próprio ato de construir ou reconstruir algum espaço. Para ele (MANZINI, 2017, p. 209):

[...] a construção de lugares não é importante apenas para o bem-estar de indivíduos e comunidades de moradores. A existência dessa multiplicidade e variedade de lugares é condição para um sistema capaz de se adaptar a acontecimentos inesperados e de sobreviver ao tempo. Esta é uma questão de fundamental importância para o planeta inteiro e será cada vez mais importante no futuro, e a reconstrução de lugares constitui uma das principais estratégias para lidar com isso.

Dessa forma, Manzini também discursa sobre a importância da resiliência da sociedade, esta que por ele é definida como “a capacidade de um sistema de lidar com estresse e falhas locais sem entrar em colapso (e aprender com a experiência)” (MANZINI, 2017, p. 209). O *design* teria então um papel na contribuição para com a resiliência dos lugares e ecossistemas, que será ancorada, segundo o autor, em fatores como variedade e riqueza cultural. Manzini (2017, p. 210) ainda afirma que:

[...] para tornar as civilizações humanas mais resistentes, deveríamos aumentar a complexidade dos sistemas técnicos. Isto é, deveríamos estimular a coexistência de soluções fundadas em diferentes lógicas e em diferentes pressupostos.

Tanto a complexidade quanto a diversidade seriam então formas de resiliência, de maneira que ao falar na produção de lugares, em um processo de ressignificação e valorização local, é preciso atentar para os contextos e relações existentes, em que a comunidade e os profissionais envolvidos não projetam de maneira a descaracterizar os territórios ou a excluir determinados grupos sociais e visões - por isso a importância de garantir processos compartilhados de imaginação e criação dos futuros do território, incorporando a complexidade do sistema.

Contudo, em contradição às propostas de Manzini, segundo Sánchez (2010), há uma tendência mundial em replicar formatos e processos que têm criado espaços pouco diversificados, simplificados, isto é, sem, de fato, uma identidade singular:

As novas formas de ação no espaço vêm criando nas cidades os chamados “espaços de renovação”, cada vez mais homogêneos no mundo todo porque são moldados a partir de valores culturais e hábitos de consumo do espaço tornados dominantes na escala mundo. Essa tendência, em termos de experiência urbana, tem levado a uma homogeneização, a uma “pasteurização” dos espaços.” (SÁNCHEZ, 2010, p. 47).

Tais processos de renovação pré-moldados se caracterizam por estarem voltados ao interesse capital, de forma que os projetos para a cidade estão submetidos aos interesses globais de empresas e mercados. Conforme Sánchez, tais territórios tornam-se “produtos-mercadoria” e são ancorados pelo *city marketing*, este compreendido como uma ferramenta institucional que atua pela promoção e venda das cidades (SÁNCHEZ, 2010, p. 55).

Sánchez (2010, p. 69) afirma que “através do *city marketing*, governos e coalizões locais ‘vendem’ a cidade, apresentada na forma de um simples produto”, o que retira muitas de suas características, tanto do processo quanto dos sujeitos que integraram sua formação e presenciaram suas mudanças.

A “mercadoria-cidade”, produto aparentemente terminado e traduzido em imagem urbana, pronta para entrar em circuitos e fluxos de informação e comunicação internacional, não permite identificar como se deu sua construção; sua história aparece velada; sua gênese, esquecida (SÁNCHEZ, 2010, p. 70).

Assim, não só a história da cidade, do lugar ou mesmo dos indivíduos é apagada, mas também os aspectos que parecem tão intrínsecos à própria ideia de cidade: a espontaneidade, os conflitos, as formas de resistência, a participação, a apropriação dos espaços e a criatividade. Para além, processos como o de

gentrificação também são impulsionados por essa mesma lógica, de forma que operações urbanas em espaços apropriados pelo mercado conferem a eles um novo valor econômico e simbólico. Sánchez (2010, p. 61) reitera que “apesar de apresentados, para fins mercadológicos, como espaços “revitalizados”, são espaços onde a população original vivencia a “revitalização” como processo que gera expulsão e apartação social”.

Ainda dentro do chamado *city marketing*, Sánchez também aborda as imagens-síntese, estas que funcionam como um resumo visual da cidade, aspecto que também vêm a ser limitante e mercadológico. Para ela:

[...] Ao operar com imagens-síntese, aqueles que as produzem retiram da cidade o que é politicamente essencial a ela: a multiplicidade como coexistência e possibilidade de conflito, de exercício da política. Se espaço e multiplicidade são intrinsecamente ligados, uma de suas expressões sociais pode ser a diversidade de leituras da cidade, com potenciais de desdobramentos em diversidade de projetos e em abertura do futuro (SÁNCHEZ, 2010, p. 113-114).

Desta forma, ao falar em renovação do território, evidencia-se o quão essenciais são a identidade e a profundidade para que não se repliquem meros modelos anteriormente já vistos, “pasteurizados”, como refere-se Sánchez (2010). Para isso, a participação da comunidade torna-se fator de emergência, a fim de que se preserve a história das relações existentes e a diversidade de visões e experiências, em que ainda exista campo para as divergências e para a criatividade coletiva suscitar. Isto é, não só uma escuta da população, de quem vivencia o local, mas também um chamado à cocriação, em detrimento da concessão de territórios simbólicos aos interesses do mercado, caracterizada pela passividade.

Conforme Manzini (2017, p. 20), “Uma ecologia de culturas de *design* que estão, ao mesmo tempo, abertas ao global e ao local, são ricas naquelas profundas diferenças que “o local”, isto é, estando enraizada em um lugar, pode oferecer.” É por esse caminho que o *design* tem a possibilidade de se reinventar no ato de projetar e pode, cada vez mais, dialogar e ajudar a construir cidades mais ricas, resilientes e únicas, encontrando soluções a partir de suas próprias complexidades e narrativas locais.

2.4 Futuros possíveis: participação social na volta à cooperação

A frase célebre da urbanista Jane Jacobs "As cidades têm a capacidade de prover algo para todos, somente porque, e somente quando, elas são criadas por todos"⁹ já anunciava, na década de 60, a necessidade de que as cidades fossem pensadas e criadas de maneira compartilhada, de forma que assim, por consequência, se tornassem boas para todos.

Passadas seis décadas, os processos participativos ainda procuram espaço dentro da lógica de desenvolvimento urbano e dos governos locais, almejando estabelecer-se como um dos formatos essenciais do pensar das cidades de forma democrática, como ferramenta de enfrentamento às desigualdades e injustiças sociais.

O World Cities Report de 2020 (UN HABITAT, 2020) coloca as políticas participativas como uma das medidas necessárias para que os territórios do futuro sejam mais sustentáveis e para que se garanta bem estar às populações. Por sustentável, compreendem-se as

[...] condições sistêmicas a partir das quais as atividades humanas, em escala mundial ou em escala local, não perturbem os ciclos naturais além dos limites de resiliência dos ecossistemas nos quais são baseados e, ao mesmo tempo, não empobrecem o capital natural que será herdado pelas gerações futuras (MANZINI, 2008, p. 22).

Segundo UN Habitat (2020), muitos países já estão institucionalizando metodologias participativas e implementando consultorias, workshops e laboratórios. Assim, ao convidar a comunidade, instituições e setor privado a pensarem, coletivamente, as realidades locais, gera-se maior engajamento entre os cidadãos e potencializa-se o alcance de agendas globais, como, por exemplo, os ODS - Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, destacados na Figura 7.

⁹ Citação original: "*Cities have the capability of providing something for everybody, only because, and only when, they are created by everybody.*"

Figura 7 - Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU



Fonte: Nações Unidas Brasil (2021).

Os ODS foram propostos em 2015 pela ONU ao apresentar a Agenda 2030, uma nova agenda de desenvolvimento sustentável para os próximos 15 anos, em que os países se engajam em ações e metas para o cumprimento destes objetivos.

Desta forma, o presente trabalho também busca estar de acordo com tais propósitos, destacando sua vinculação aos objetivos 11 - Cidades e comunidades sustentáveis, 16 - Paz, justiça e instituições eficazes e 17 - Parcerias e meios de implementação. Ainda se destacam metas específicas como o fortalecimento de "esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo" (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021); a garantia da "tomada de decisão responsiva, inclusiva, participativa e representativa em todos os níveis" (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021); e o incentivo e a promoção de "parcerias públicas, público-privadas e com a sociedade civil eficazes, a partir da experiência das estratégias de mobilização de recursos dessas parcerias" (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021).

Ainda sobre políticas de participação, a ONU declara que (UN HABITAT, 2020, p. 224-225, tradução nossa)

O conceito de participação na governança urbana está mudando à medida que vai além da simples consulta para a cocriação de um espaço que contribuirá para reequilibrar a distribuição dos poderes de decisão na sociedade. Esta mudança exige que os governos locais respeitem algumas condições básicas, como o empoderamento e a autonomia dos movimentos

sociais e das partes interessadas locais. Os facilitadores do engajamento cidadão precisam ser simples, recíprocos, representativos, inclusivos e orientados para as pessoas. Eles precisam reconhecer procedimentos formais de participação com regras transparentes e compartilhadas que são complementadas por parcerias colaborativas, levar a sério os direitos de privacidade e as iniciativas dos cidadãos e dotar os cidadãos de verdadeiros poderes de decisão. Além disso, os governos locais devem desenvolver um número crescente de processos participativos, online e offline, que são equilibrados e implementados com regularidade e continuidade. Ao lado de uma democracia participativa ativa, transparência e responsabilidade são os pilares fundamentais para uma nova governança urbana.¹⁰

Assim, conforme o objetivo 11 - Cidades e comunidades sustentáveis, a participação cidadã mostra-se muito importante e as ações dos gestores públicos devem estar pautadas por processos legitimados pelos usuários/beneficiários da cidade.

Nesse sentido é que a cocriação ganha importância como forma de participação e é, portanto, a estratégia de valorização adotada neste trabalho. A cocriação refere-se a um processo de criação colaborativo, cooperativo. Manzini utiliza em sua obra a definição proposta por Senett, na qual considera a cooperação "uma troca na qual os participantes se beneficiam do encontro" (SENETT apud MANZINI, 2017, p. 107). O autor ainda complementa que

A definição nos diz que a colaboração tem lugar quando pessoas se encontram e *trocam* alguma coisa (tempo, cuidados, experiências, conhecimento especializado etc.) a fim de receber um benefício; em outras palavras, elas criam um *valor comum*. Essa definição também nos diz que cada colaboração tem um cerne, e este cerne é um encontro: o encontro colaborativo no qual duas ou mais pessoas se reúnem e interagem a fim de fazer algo que todas reconhecem como um valor (MANZINI, 2017, p. 107-108).

Isto é, ao promover esse encontro, estabelece-se que existe um objetivo em comum, um desejo compartilhado do grupo ali presente.

Conforme Sennett (apud MANZINI, 2017, p. 111), o "apoio mútuo está incorporado aos genes de todos os animais sociais; eles cooperam para conseguir o

10 Citação original: "*The concept of participation in urban governance is changing as it moves beyond simple consultation to the co-creation of a space that will contribute to rebalancing the distribution of decision-making powers in society. This shift requires local governments to respect some basic conditions, such as the empowerment and autonomy of social movements and local stakeholders. Enablers of citizen engagement need to be simple, reciprocal, representative, inclusive and people-oriented. They need to recognize formal participation procedures with transparent and shared rules that are complemented by collaborative partnership, take privacy rights and citizens' initiatives seriously and endow citizens with real decision making powers. Furthermore, local governments must develop an increasing number of participatory processes, online and offline, which are balanced and implemented with regularity and continuity. Alongside an active participatory democracy, transparency and accountability are the key pillars for new urban governance.*"

que não são capazes de realizar sozinhos". Ou seja, a colaboração seria então algo intrínseco aos seres humanos, uma vez que se configuram como seres sociais. Contudo, também conforme seres culturais e, portanto, passíveis de transformações, identifica-se na sociedade moderna uma tendência à individualização, muito típica do século XX. Para Manzini, tal processo se justifica pelo contraste entre a busca pela liberdade individual e as regras da colaboração, uma vez que "para colaborar, é necessário chegar a um acordo com outras pessoas, e isso é visto como um limite à liberdade pessoal diária (neste caso, no sentido da ideia que as pessoas têm da sua liberdade de escolher como e quando fazer coisas)" (MANZINI, 2017, p. 112). Isto é, para colaborar, é preciso ao indivíduo aceitar um lugar aberto, empático, flexível e, por vezes, vulnerável.

Entretanto, apesar da modernidade refletir uma desestabilização na prática de cooperação nos indivíduos, conforme Manzini (2017, p. 113), "um número cada vez maior de pessoas está não apenas redescobrimdo o valor da colaboração, mas também aprendendo novamente a colaborar", encontrando nas hortas comunitárias um forte exemplo.

O autor ainda aborda a colaboração como processo construtivo de autonomia, ou seja, uma forma pelas quais as pessoas se tornam ativas e capazes de lidar com seus próprios problemas, contudo, defende que, para isso, "o acesso ao conhecimento apropriado e às ferramentas adequadas deve ser assegurado" (MANZINI, 2017, p. 108).

Nesse sentido, conforme Risler e Ares (2013), desde os anos noventa, ferramentas como mapeamentos e cartografias, aplicadas de forma a ouvir narrativas e representantes não hegemônicos, têm viabilizado a organização de movimentos sociais na América Latina. Movimentos que são organizados

[...] de forma autogerida e horizontal, ativando reivindicações campesinas, de povos originários, de coletivos de gênero, entre outros. Estes novos ou renovados protagonismos sociais retomaram um amplo reservatório de práticas e discursos emancipatórios, e instituíram o ativismo político, cultural e comunicacional, ligado à cooperação social e afetiva, à livre circulação de saberes e das práticas, e à articulação em rede (RISLER; ARES, 2013, p. 7, tradução nossa).¹¹

¹¹ Citação original: "[...] de forma autogestiva y horizontal, que activaron reivindicaciones campesinas, de pueblos originarios, de colectivos de género, entre otros. Estos nuevos o renovados protagonismos sociales retomaron un amplio reservorio de prácticas y discursos emancipatorios, e

Assim, o uso de ferramentas adequadas, dinâmicas e acessíveis é parte importante do processo participativo e pode alavancar ações grandiosas e transformadoras, configurando-se como um meio, isto é, não um fim, mas uma parte de um objetivo maior, uma das estratégias que irá proporcionar

[...] a reflexão, a socialização de saberes e práticas, a promoção à participação coletiva, o trabalho com pessoas desconhecidas, o intercâmbio de saberes, a disputa dos espaços hegemônicos, o impulso à criação e imaginação, a problematização de conexões-chave, a visualização de resistências, a sinalização de relações de poder, entre muitos outros (RISLER; ARES, 2013, p. 7, tradução nossa).¹²

Ainda para Risler e Ares (2013), as ferramentas e metodologias não produzem a transformação por si só, todavia proporcionam o suporte gráfico e visual, dentro de um processo organizacional, capaz de estimular o trabalho cooperativo. Sua importância está na forma com que é capaz de suscitar histórias coletivas em torno do que é comum, na possibilidade de encontros e consensos que não diminuem as diversidades, mas as reconhecem e incorporam. Conforme os autores,

Gerir o comum, isto é, produzi-lo a partir do que nos une e do que reconhecemos; ou torná-lo visível a partir do espontâneo e do desconhecido, mas com objetivos claros, é uma forma de combater o individualismo e a segregação em que estamos imersos como habitantes deste mundo (RISLER; ARES, 2013, p. 8, tradução nossa).¹³

Assim, por meio da organização de processos cooperativos, engajamento de movimentos sociais e aplicação de ferramentas que consideram a alteridade como fonte para trocas até então improváveis e, portanto, ricas, compreende-se que é tangível não só imaginar, como também criar alternativas para um futuro sustentável a nível local e global.

instituyeron activismo político, cultural y comunicacional, vinculado a la cooperación social y afectiva, la libre circulación de saberes y prácticas, y la articulación en red."

¹² Citação original em espanhol: "*[...] la reflexión, la socialización de saberes y prácticas, el impulso a la participación colectiva, el trabajo con personas desconocidas, el intercambio de saberes, la disputa de espacios hegemónicos, el impulso a la creación e imaginación, la problematización de nudos clave, la visualización de las resistencias, el señalamiento de las relaciones de poder, entre muchos otros*".

¹³ Citação original: "*Gestar lo común, esto es, producirlo desde aquello que nos une y que reconocemos; o visibilizarlo desde lo espontáneo y desconocido pero a partir de objetivos claros, es una forma de combatir el individualismo y la segregación en la cual estamos inmersos como habitantes de este mundo*".

3 METODOLOGIA

Ao considerar as transformações do campo do *design*, crer em uma atuação socialmente participativa, com ferramentas acessíveis, e ao abordar a metodologia aplicada neste estudo, evidencia-se a fala de Santos (2008, p. 64) enquanto geógrafo, mas que se acredita também se estende à posição de *designer* urbanista:

O geógrafo torna-se um empiricista e está condenado a errar em suas análises que considera somente o lugar, como se ele tudo explicasse por si mesmo, e não a história das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas, já que objetos e relações mantêm ligações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais, e estas impactam os objetos. O geógrafo seria funcionalista se levasse em conta apenas a função; e estruturalista se apenas indicasse as estruturas, sem reconhecer o seu movimento histórico ou a relação social sem o conhecimento do que a produziu.

Dessa forma, compreendendo a importância de aprofundar o contexto e analisar as relações do objeto de estudo para com os atores envolvidos, primeiramente buscou-se realizar um levantamento histórico acerca do Complexo Industrial da Polar, em Estrela. Esse levantamento incluiu estudo de bibliografia (obras de autores regionais, jornais e blogs locais) bem como o levantamento de imagens relacionadas ao bem cultural, como fotografias de determinados períodos históricos e imagens escaneadas de rótulos antigos da cerveja Polar. A etapa de estudo sobre o contexto também incluiu visitas ao local e registros fotográficos por parte da autora, de forma a visualizar a situação atual da estrutura do Complexo e seus arredores.

Também se investigou os atores envolvidos no histórico do problema, como movimentos sociais e culturais, além da descoberta de demais agentes que poderiam ser importantes para o processo metodológico. Foram levantados atores e instituições relevantes dos campos político, cultural, social e econômico da região (BOURDIEU, 2004). Para tal, buscou-se identificar em jornais, sites e blogs, bem como pelo contato com pessoas conhecidas da autora na região, quais seriam os nomes mais relevantes da área de estudo, a fim de ampliar o conhecimento pré-existente.

Além do contexto, se aprofundou métodos e ferramentas de participação e cocriação, realizando um estudo de bibliografia (livros e cartilhas), bem como

pesquisa de casos em sites de referência, como os métodos aplicados pela equipe Gehl, por exemplo.

Após tal análise, avaliou-se o conhecimento preexistente, utilizando a técnica “O que já sabemos?” do kit de ferramentas HCD - *Design Centrado no Ser Humano* (IDEO, 2009), de forma que foi possível trazer à tona os entendimentos relacionados ao problema, conforme explicitado na Figura 8. A dinâmica foi feita manualmente em *posts its*, porém representada digitalmente para melhor visualização do leitor.

Figura 8 - Entendimentos do problema

Há diversas movimentações pela preservação do complexo industrial	É uma potencial área turística e de preservação histórica	O governo municipal já recebeu verba do governo federal para requalificar o entorno	Estrela e região possuem uma comunidade cultural ativa
O prefeito eleito não assinou a Carta Compromisso do grupo Rua da Praia e nem menciona o complexo em seu plano de governo	Parte da população tem apreço pelo local e organizou manifestações contra a demolição do complexo	O complexo possui história e identificação suficiente para ser protegido em alguma instância	A área de entorno conta com o importante movimento cultural Arte na Escadaria
A Secretaria de Turismo informou estar ampliando a pesquisa sobre o local para então definir seu futuro	O grupo Rua da Praia articulou uma Carta Compromisso durante as eleições em prol da preservação do complexo		

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir deste exercício de visualização do contexto e dos saberes, fez-se um *brainstorming* com o objetivo de mapear ideias relacionadas à proposta de uma metodologia participativa, investigativa e cocriativa. O *brainstorming*, também conhecido como “tempestade de ideias”, consiste em um método para gerar o maior número de ideias em determinado tempo, com foco na quantidade e não qualidade. Portanto, busca-se não filtrar ou descartar ideias que pareçam ruins ou inviáveis, mas sim levá-las a fim de que se reúna um grande número de propostas. Assim, na Figura 9, é possível observar as ideias levantadas pela autora em um *brainstorming* de 5 minutos.

Figura 9 - Ideias geradas durante o brainstorming

Cartilha enviada para as pessoas preencherem e conhecerem a proposta	Interação no local com alguma instalação	Descobrir o que carece na cidade. Quais os espaços e iniciativas que fazem falta	Criação de personas para entender o público
Compreensão das relações existentes	Depoimentos	Fotografias	Entrevistas
Identificação de parceiros/instituições	Identificação de coletivos e iniciativas da região (Ex.: Arte na escadaria, Arte na praça, etc)	Identificação de atores interessados na preservação do bem cultural	Oficinas
Arquivo de memórias	Identificar os conflitos, as versões diferentes da história	Descobrir como agregar a preservação do bem cultural com o que a população gostaria de ver mais na cidade	Acessibilidade
Diferentes plataformas e dinâmicas	Conversa com especialistas	Diferentes gerações	Busca por referências/cases de outros lugares
Criação de mapas mentais	Brainstorm de ideias	Estruturação da jornada	Levantamento de ferramentas potenciais
Ferramentas acessíveis	Ferramentas graficamente agradáveis e fáceis de entender	Padrão visual	Gráficos representativo das ideias, para ser tangível
Linguagem clara e fácil	Diversidade de pessoas	Diversidade de ferramentas	Equipe multidisciplinar
Parceria público-privada	Possibilidades de financiamento	Espaço para divergências	

Fonte: Elaborado pela autora.

Após o *brainstorming*, buscou-se categorizar tais ideias conforme as etapas da metodologia HCD - *Design* Centrado no Ser Humano, aqui utilizada como base, criando, assim, três cenários de ideias: Ouvir, Criar e Implementar, expressos nas Figuras 10, 11 e 12. Tais etapas ainda são aprofundadas ao longo deste trabalho, mas salienta-se que a organização das ideias teve como critério a representação e relação dos itens para com as fases. Portanto, por exemplo, na etapa Ouvir, que constitui-se como uma etapa de escuta, compreensão do contexto e investigação (antes de iniciar o projeto de qualquer solução para o problema) relacionam-se aspectos como compreensão das relações existentes, identificação dos conflitos, das versões diferentes da história e também entrevistas, que configuraria um dos métodos possíveis para tal investigação.

Figura 10 - Ideias relacionadas à etapa Ouvir

Descobrir o que carece na cidade. Quais os espaços e iniciativas que fazem falta	Compreensão das relações existentes	Depoimentos	Entrevistas
Identificação de coletivos e iniciativas da região (Ex.: Arte na escadaria, Arte na praça, etc)	Identificação de atores interessados na preservação do bem cultural	Arquivo de memórias	Identificar os conflitos, as versões diferentes da história
Diferentes plataformas e dinâmicas	Conversa com especialistas	Diferentes gerações	Busca por referências/cases de outros lugares
Linguagem clara e fácil	Diversidade de pessoas		

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 11 - Ideias relacionadas à etapa Criar

Interação no local com alguma instalação	Criação de personas para entender o público	Fotografias	Oficinas
Descobrir como agregar a preservação do bem cultural com o que a população gostaria de ver mais na cidade	Acessibilidade	Diferentes plataformas e dinâmicas	Diferentes gerações
Busca por referências/cases de outros lugares	Criação de mapas mentais	Brainstorm de ideias	Estruturação da jornada
Levantamento de ferramentas potenciais	Ferramentas acessíveis	Ferramentas graficamente agradáveis e fáceis de entender	Padrão visual
Linguagem clara e fácil	Diversidade de pessoas	Diversidade de ferramentas	Equipe multidisciplinar
Espaço para divergências			

Fonte: Elaborado pela autora.

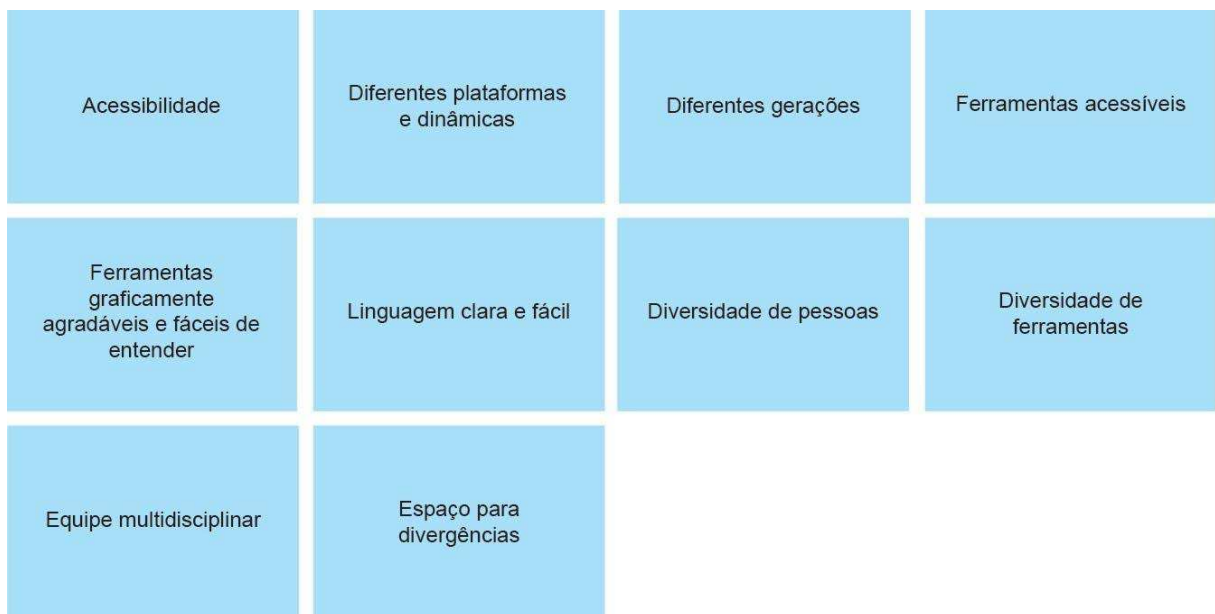
Figura 12 - Ideias relacionadas à etapa Implementar

Cartilha enviada para as pessoas preencherem e conhecerem a proposta	Identificação de parceiros/instituições	Parceria público-privada	Possibilidades de financiamento
--	---	--------------------------	---------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

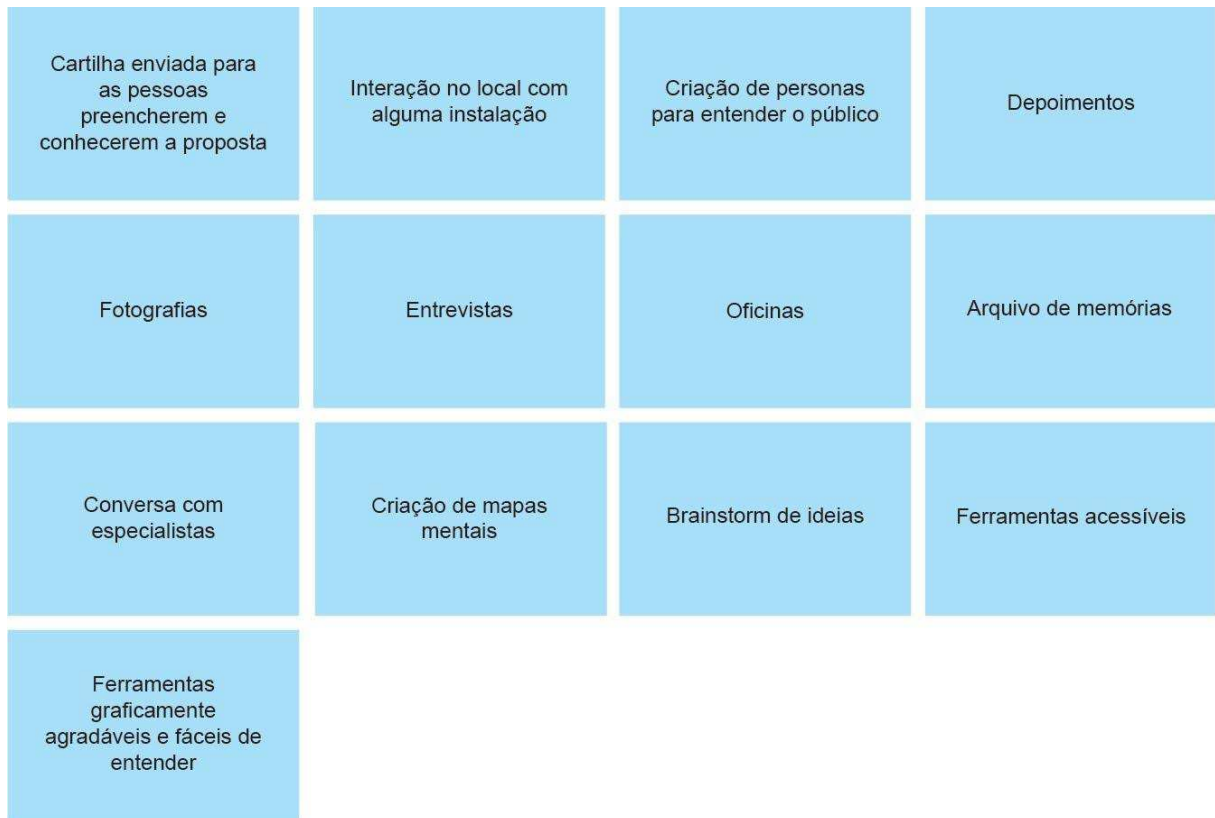
Também se fez outros cenários delimitados conforme Condicionantes e Ferramentas, retratadas nas Figura 13 e 14. As condicionantes seriam aspectos importantes a se considerar no processo metodológico, como, por exemplo, o nível de acessibilidade, o tipo de linguagem a ser utilizado e a integração de diferentes gerações. Já as Ferramentas seriam os métodos, formatos ou dinâmicas que poderiam ser utilizados ao longo da metodologia, como a criação de mapas mentais, oficinas e entrevistas.

Figura 13 - Condicionantes



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 14 - Ferramentas



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos cenários, foi possível identificar quais seriam as etapas principais, os aspectos imprescindíveis do processo e os formatos com que se poderiam trabalhar cada uma das fases.

Dessa forma, elencou-se as melhores ideias a partir dos seguintes critérios: (1) viabilidade, ou seja, questionando-se se a ideia seria facilmente executável/aplicável, seja em termos financeiros ou de dinâmica; (2) relevância, isto é, se a ideia seria capaz de proporcionar situações, conversas e debates pertinentes para a investigação e a solução do problema; e (3) acessibilidade, pensando quais seriam as ideias que dão a oportunidade para que o maior e mais diversos grupo de pessoas seja convidado a participar do processo e contribuir com suas vivências e propostas. Assim, utilizando tais critérios, foi possível estruturar o caminho metodológico apresentado como resultado a seguir.

4 ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO

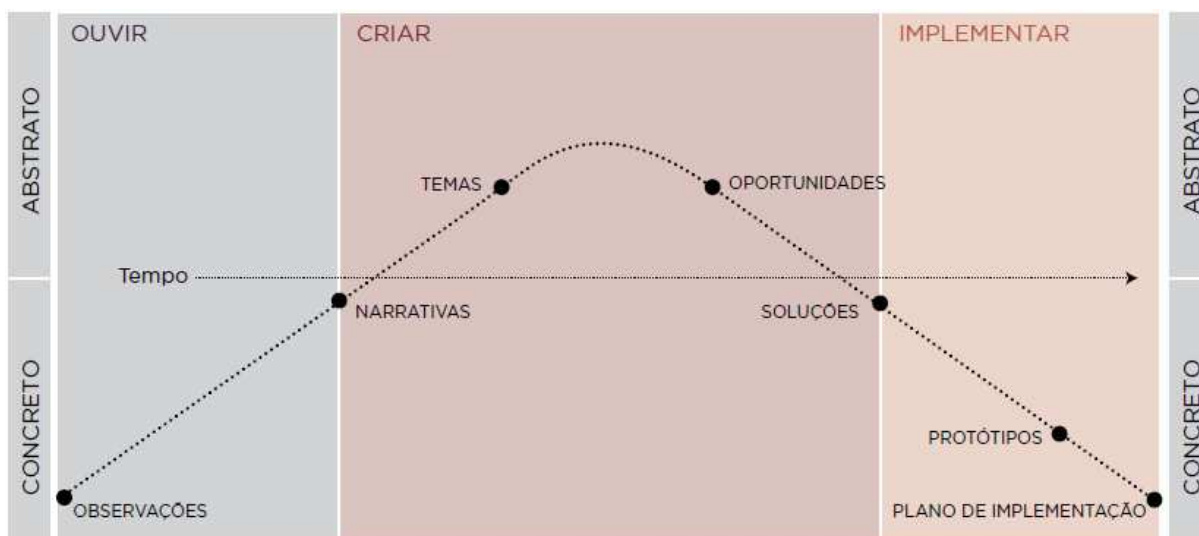
4.1 As diretrizes e bases para construção de um plano metodológico

Por compreender que é evidente a importância do Complexo Industrial da Polar tanto para a identidade de Estrela e região quanto para a população local que é afeiçãoada ao espaço, este trabalho não se propõe a entregar uma solução pronta para preservação da edificação e de sua memória, mas sim busca estabelecer um plano investigativo e cocriativo que possa vir a ser aplicado em período posterior à pandemia do coronavírus, de forma a envolver a comunidade no processo de decidir o futuro deste espaço tão simbólico.

Desta forma, essa pesquisa se propõe a estruturar um procedimento metodológico com ferramentas participativas ancoradas nas diretrizes da metodologia *Design Centrado no Ser Humano - Human-Centered Design* ou HCD (IDEO, 2009), a fim de que se execute uma escuta qualificada da população de Estrela e região, além da criação compartilhada de soluções possíveis de serem implementadas neste local. Conforme o próprio kit de ferramentas do HCD, fornecido pela Ideo (2009, p. 9), afirma, o processo de *Design Centrado no Ser Humano* “é flexível o suficiente para ser utilizado de forma complementar a outras metodologias existentes ou ser suplementado por elas”.

Portanto, o HCD neste trabalho servirá como metodologia guia para receber demais ferramentas aqui propostas. Conforme propõe a divisão do HCD em três etapas, sendo elas Ouvir (*Hear*), Criar (*Create*) e Implementar (*Deliver*) (Figura 15), busca-se projetar uma experiência que contemple a estruturação especialmente das duas primeiras fases, uma vez que a última etapa fica subjugada às descobertas das demais, podendo ser realizada em período posterior a entrega desta pesquisa.

Figura 15 - Funcionamento do processo HCD



Fonte: Ideo (2009, p. 7).

A primeira etapa, Ouvir, consiste em um método de pesquisa qualitativo que busca compreender o contexto em que ocorre determinado problema, de forma a estar atento das mais diversas formas, entre elas experienciar os locais, conversar com a população, observar as realidades e vivências e entender as barreiras que enfrenta a comunidade. Essa fase tem por objetivo determinar quem deve ser abordado, ganhar empatia e coletar histórias, sempre buscando entender profundamente as necessidades, desejos e aspirações do público. O método qualitativo é imprescindível, uma vez que pode “ajudar a revelar oportunidades sociais, políticas, econômicas e culturais das pessoas e permitir que descrevam os obstáculos com suas próprias palavras” (IDEO, 2009, p. 22). Além disso, estratégias para Ouvir diferentes narrativas também possibilita a visão sistêmica dos problemas, uma vez que:

Pesquisas Qualitativas também são valiosas para analisar e mapear a dinâmica do relacionamento entre pessoas, lugares, objetos e instituições. Isto é possível porque esses fenômenos do mundo social tendem a estar relacionados internamente (ou seja, são mutuamente dependentes e são partes uns dos outros) (IDEO, 2009, p. 22).

Já a etapa Criar, configura-se como uma etapa posterior à compreensão do contexto, momento em que os envolvidos já estão familiarizados com a situação problema e possuem todas as informações relevantes para iniciar o processo de

pensar e projetar soluções. Assim, a etapa Criar inicia-se com uma síntese da etapa Ouvir, de forma que a “síntese nos transporta da inspiração para as idéias, das histórias para o direcionamento estratégico” (IDEO, 2009, p. 56). Também nesta etapa, propõe-se o *brainstorming* para gerar ideias, utilizando regras como “Deixar de Lado o Julgamento” e “Construir sobre a Idéia de Outros”, o que potencializa a geração de soluções inesperadas. A Ideo (2009, p. 56) também destaca que a técnica de *brainstorming*:

[...] nos permite pensar de forma ampla e sem restrições. O hábito de gerar soluções totalmente impraticáveis incentiva a criação de idéias relevantes e razoáveis. Pode ser necessário gerar mais de 100 idéias (muitas delas medíocres) para que você saia com duas ou três soluções verdadeiramente inspiradas.

Entre a fase Criar e a fase Implementar, a Ideo (2009) inclui a construção de protótipos das melhores ideias e o feedback a partir da instalação de tais protótipos. Para concluir um projeto, a metodologia também prevê um plano de implementação que considere aspectos como viabilidade, sustentabilidade e inovação. Contudo, como essa pesquisa pretende se focar na estrutura da investigação e cocriação de soluções, não é possível projetar quais serão as ideias selecionadas para a fase de Implementação, de forma que esta não se aprofundará em tal quesito.

4.2 A busca conjunta pela preservação: um plano investigativo e cocriativo

Considerando este um processo longo, composto de várias etapas, salienta-se a necessidade de estruturação prévia de uma equipe transdisciplinar e diversa para articular e acompanhar o processo metodológico aqui proposto. Isto é, profissionais que formarão o time responsável por tarefas como contatar os atores envolvidos, mediar e organizar entrevistas, oficinas e divulgação.

Para isso, podem se apresentar diferentes profissionais como arquitetos, engenheiros, historiadores, *designers*, sociólogos, urbanistas, entre outros. A necessidade de uma equipe diversa se dá pela visão transdisciplinar que se tem do próprio problema, uma vez que diversos atores e áreas estão envolvidos no processo referente ao edifício da Polar, que apresenta uma situação complexa e demanda envolvimento sistemático. Conforme Ideo (2009, p. 11), "ao combinar

nessa equipe pessoas de formações diferentes, você aumentará as suas chances de criar soluções originais, pois diferentes indivíduos examinarão o problema através de pontos de vista diversos". Assim, uma equipe multidisciplinar proporciona uma leitura ampla e de diferentes perspectivas e potencializa o encontro de uma solução melhor.

Ao compor essa equipe, portanto, também deve-se atentar para a diversidade, não só profissional, mas também referente a raça, gênero e idade. Assim, ao ter um time disposto e engajado, inicia-se o processo pela etapa Ouvir.

4.3 Ouvir

A primeira etapa, aqui intitulada Ouvir, configura-se como um momento de escuta ativa, de compreensão tanto da história do objeto de estudo quanto da situação em que se encontra atualmente. Para essa etapa, evidencia-se a importância de ouvir narrativas distintas sobre o Complexo Industrial da Polar, de forma que a escuta seja aberta e abrangente em classe, idade, raça e gênero.

Para tanto, conforme a teoria dos campos (BOURDIEU, 2004), nessa etapa, a pesquisa busca ouvir agentes do campo político, econômico, social e cultural, considerando estes os quatro campos principais envolvidos no problema. Assim, opta-se por fazer um recorte regional dos atores, não limitando a escuta somente à população de Estrela por identificar que o bem aqui pesquisado impacta toda a região em que se insere, principalmente os municípios com os quais faz fronteira, como Lajeado, Cruzeiro do Sul e Teutônia.

No Quadro 1, a autora direciona os exemplos de instituições, governanças e movimentos já familiares no território que podem vir a ser membros ativos do processo participativo aqui proposto, ainda que qualquer cidadão interessado, para além dos destacados, seja convidado a participar.

Quadro 1 - Levantamento dos agentes

Campo político	AMVAT - Associação dos Municípios do Vale do Taquari	Existente de 1961, a AMVAT integra 39 municípios do Vale e tem por objetivo, conforme seu estatuto "ampliar e fortalecer a capacidade administrativa, econômica e social dos municípios que a compõem; defender e reivindicar os interesses das administrações municipais e da região e coordenar medidas que visem o planejamento integrado na região" (AMVAT, 2020).
Campo político	Prefeitos da região	Pela centralidade e vizinhança, propõem a participação dos prefeitos de Estrela, Lajeado, Colinas, Cruzeiro do Sul, Teutônia, Arroio do Meio, Bom Retiro do Sul e Fazenda Vilanova.
Campo político	Membros da Secretaria de Cultura	A presença de membros da Secretaria de Cultura de Estrela é importante pela familiarização com o caso do edifício e discussões internas já realizadas acerca das possibilidades deste espaço.
Campo econômico	CACIS - Câmara do Comércio, Indústria e Serviços de Estrela	A CACIS existe desde 2012 após uma junção das entidades ACIE (Associação Comercial e Industrial de Estrela) e CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas) e tem como missão "promover o crescimento empresarial tendo representatividade associativa e contribuindo para o desenvolvimento sustentável da região" (CACIS, 2020).
Campo econômico	Sindilojas - Sindicato dos Lojistas do Comércio do Vale do Taquari	O Sindilojas busca assegurar às empresas representadas as melhores condições para gerar resultados positivos e desenvolver a sociedade.

Campo econômico	CIC - Câmara da Indústria, Comércio e Serviços do Vale do Taquari	Existente desde 2005 para suprir uma necessidade da região de ter um organismo que fosse o articulador da classe empresarial.
Campo econômico	ADERE - Associação para o Desenvolvimento Rural de Estrela	A ADERE foi fundada em 1971 e é formada por pequenos agricultores da cidade. Busca beneficiar coletivamente a comunidade rural, presta serviços agrícolas e serviços gerais na zona urbana como roçadas.
Campo econômico	UPFE - União dos Produtores Feirantes de Estrela	Entidade que representa os feirantes da cidade, que comercializam semanalmente seus produtos agrícolas na Feira do Produtor Rural, na edificação junto à Praça Henrique Roolart, desde 2004.
Campo econômico	AAVT - Articulação de Agroecologia do Vale do Taquari	A AAVT é uma rede de entidades que apoia a agroecologia na região, formada por produtores, institutos de pesquisas e ensino e organizações de apoio aos agricultores e consumidores.
Campo social	População em geral	Tendo como base a população geral da região, o capital social aqui considerado busca incluir o máximo de pessoas possíveis, buscando manter-se aberto e acessível.
Campo social	Coletivo Juntas	Coletivo de mulheres da região, fundado em 2019 com o objetivo de criar uma rede e debater questões pertinentes à mulher, como direito à cidade e visibilidade.
Campo social	Movimento Rua	Grupo articulado em 2020 por cidadãos estrelenses

	da Praia	que busca refletir sobre o legado e o futuro do Complexo da Polar.
Campo cultural	Participantes do Arte na Escadaria	O Arte na Escadaria é um evento cultural que acontece na escadaria ao lado do Complexo da Polar. Artistas e artesãos expõem seus trabalhos e músicos da região se apresentam.
Campo cultural	Organizadores do Festival do Chucrute	O festival de cultura alemã mais tradicional do estado, já em sua 54ª edição. Celebra, entre outros aspectos, as músicas, danças, comidas e bebidas germânicas.
Campo cultural	Rola Rolê	Coletivo formado em 2018 com o objetivo de promover eventos culturais e intervenções urbanas no Vale do Taquari.
Campo cultural	Escola Renascer do Samba	Escola de samba de Estrela que se apresenta no carnaval de várias cidades da região. Em Estrela, desfila anualmente ao longo da rua Arnaldo José Diel, a rua do Complexo da Polar.
Campo cultural	ACERVA - Associação dos Cervejeiros Artesanais de Estrela	A ACERVA busca o resgate da cultura cervejeira no Vale do Taquari ao promover eventos como encontros cervejeiros, palestras, cursos, festivais, concursos e degustações. É responsável pela organização do Festival de Inverno de Cerveja Artesanal, que acontece tradicionalmente em Estrela e conta com cervejarias de todo o Rio Grande do Sul.
Campo cultural	UNIVATES - Universidade do	A Univates começou em 1997 e é uma universidade de natureza comunitária localizada em Lajeado,

	Vale do Taquari	abrangendo estudantes principalmente da região.
Campo cultural	Especialistas	Torna-se importante para a pesquisa incluir especialistas como das áreas de história, arquitetura e patrimônio cultural, a fim de que se identifique o que, na estrutura física, deve ser preservado.
Campo cultural	CAU - Conselho de Arquitetura e Urbanismo	O CAU teve papel importante diante da ameaça de demolição do edifício do Complexo, portanto, como representantes da classe, torna-se importante sua participação no processo aqui proposto.

Fonte: Elaborado pela autora.

A fim de reforçar que este seja um processo democrático e acessível, também se pensa em formas estratégicas que proporcionem a participação em sentido abrangente, isto é, possibilitando diferentes locais, horários e acessos, bem como divulgação do processo participativo em diferentes plataformas. Assim, propõem-se que as divulgações sejam feitas em meios digitais, como redes sociais e sites oficiais do governo, meios de comunicação, como rádios e jornais da região, e meios publicitários físicos como pela colocação de cartazes na cidade e carros de som.

Para compor, então, a etapa de escuta do procedimento metodológico, definiu-se três ferramentas principais, sendo elas: entrevistas semiestruturadas, plataforma online e audiência pública.

4.3.1 Entrevistas individuais semiestruturadas com pessoas da população

Conforme Ideo (2009, p. 40), a "entrevista semiestruturada é um elemento chave para habilitar o diálogo e o envolvimento íntimo com os participantes ao mesmo tempo que se mantém o foco em um tópico em particular". Se tratam de momentos de conversa com pessoas dos grupos elencados na tabela acima, propondo um diálogo informal e aberto com questões pré-definidas.

São relevantes para a maioria das pesquisas

[...] pois proporcionam um mergulho profundo e rico em comportamentos, razões e vida das pessoas [...] Entrevistas em contexto colocam o participante mais à vontade e permitem que você veja objetos, espaços, e pessoas que o participante mencionar durante a entrevista (IDEO, 2009, p. 28).

Portanto, se propõem que as pesquisas sejam feitas, se possível, presencialmente e no local de contexto do entrevistado, isto é, sua casa, trabalho ou mesmo, se pertinente, nas imediações do próprio edifício da Polar. Desta forma, as entrevistas iniciam-se com a coleta de dados pessoais tais como nome, idade e cidade em que mora, para então afunilar questões relativas à região, à cidade e ao Complexo Industrial.

Entre as perguntas posteriores estão: Há quanto tempo mora na região? O que acredita que falta na região? Qual é a sua relação com o Complexo Industrial da Polar? O que pensa sobre a demolição do edifício? O que pensa que poderia ser feito nesse local? Como imagina esse espaço no futuro?

Assim, tendo tais perguntas norteadoras, o entrevistador pode abrir o escopo conforme sentir que a conversa torna-se interessante e proveitosa para o processo em caminhos alternativos.

Nesta etapa também está previsto o mesmo formato de entrevistas individuais semiestruturadas com especialistas. Segundo a cartilha HCD (IDEO, 2009, p. 38), é importante ouvir um especialista quando se quer:

(1) Aprender sobre a história de uma comunidade ou sobre um determinado tópico. (2) Para entender as leis que possam afetar o projeto e a implementação de soluções. (3) Para coletar informações sobre tecnologias recentemente inventadas ou que estão perto disso.

Dessa forma, quando se tratarem de entrevistas com especialistas, como membros do CAU ou demais profissionais envolvidos, perguntas específicas se apresentarão, como, por exemplo: Quais elementos arquitetônicos característicos devem ser preservados no edifício? Qual seria a melhor utilização da estrutura existente? Se existem, quais os aspectos técnicos que, neste caso, devem ser respeitados? Tal fase tem por objetivo identificar limitantes e condicionantes antes de iniciar o processo de cocriação.

As entrevistas poderão ser realizadas presencialmente ou remotamente, bem como podem ser gravadas para posterior consulta, mediante autorização do entrevistado e assinatura do termo de consentimento.

4.3.2 Site de coleta de memórias

Considerando a importância de multiplataformas, também se pensa em um espaço de escuta online, mais precisamente um site de fácil acesso (aqui projetado para ser leve e intuitivo, de forma a atender públicos variados), em que as pessoas possam deixar contribuições de histórias e memórias sobre o Complexo Industrial da Polar.

O site é desenhado de forma a completar um percurso de perguntas e respostas, seguindo uma lógica semelhante à de uma entrevista semiestruturada, em que a pessoa primeiramente se identifica, colocando dados como idade, gênero e cidade, para então contar alguma experiência que teve com o local em questão.

Essa etapa tem por objetivo alcançar um número maior de pessoas e relatos, uma vez que as entrevistas semiestruturadas podem, mesmo que em grande quantidade, ser limitantes, visto a abrangência regional do projeto. Neste formato, se garante uma escuta mais democrática e acessível a todos os interessados no projeto em dar seu relato acerca desse espaço e problema.

4.3.3 Audiência pública

Com o mesmo intuito de garantir e legitimar os espaços de fala e escuta, bem como reforçar as oportunidades e acessos de todas as pessoas interessadas no projeto, após as demais ações da etapa Ouvir, uma audiência pública finaliza o processo de escuta. A audiência pública se trata de um encontro feito na comunidade que conta com a participação da população para dar suas impressões e informações sobre a demanda elencada, neste caso, o Complexo da Polar. Por meio desta audiência, de caráter aberto, democrático e acessível, busca-se uma conclusão da imersão inicial.

4.3.4 Síntese das escutas

Após a aplicação dos métodos de escuta, faz-se necessária uma síntese para então iniciar a próxima etapa. Na síntese das escutas, o time transdisciplinar, responsável pelo andamento do processo, irá categorizar as principais falas de cada uma das três atividades: entrevistas, site e audiência pública.

Propõem-se que sejam selecionadas falas caracterizadas por recorrência (por exemplo: muitas pessoas falaram de aspecto x) e oposição (por exemplo, uma fala aborda a questão da maneira x e outra fala aborda a questão de maneira totalmente contrastante). Assim, será possível fazer uma avaliação dos pontos extremos (opiniões contraditórias) e também do pensamento comum, isto é, nas histórias e opiniões que se assemelham ou se repetem muitas vezes.

Também podem-se destacar falas que forem curiosas, que tragam alguma novidade ou imprevisibilidade que até então não se tinha conhecimento nenhum dentro do processo.

Assim, tendo tal levantamento, será possível compreender melhor o contexto, ou seja, mapear fatos históricos, os desejos da comunidade, as opiniões e histórias divergentes e as condicionantes (como no caso de escuta dos especialistas). Esse apanhado irá preparar o campo e direcionar melhor a etapa de criação.

4.4 Criar

A segunda etapa, intitulada Criar, constitui-se de uma fase voltada para a criação compartilhada de soluções para o problema aqui estudado. Neste caso, os atores envolvidos no processo seguirão sendo dos capitais social, cultural, político e econômico, visto a proposta de cooperação de diferentes áreas e visões.

Para esta etapa, estão previstas três atividades, com o intuito de proporcionar momentos de criatividade, trocas e construção entre as pessoas da comunidade. Assim, serão feitas uma instalação participativa, oficinas de cocriação e um sistema de votação que finaliza esta etapa. Os métodos são aprofundados a seguir.

4.4.1 Instalação participativa

Tendo como referência o projeto global de arte *Before I die*¹⁴, exposto na Fotografia 18, propõem-se uma instalação de painéis com uma proposta interativa no Complexo Industrial.

Fotografia 18 - Paineis na cidade de Savannah, na Geórgia, Estados Unidos



Fonte: Before I die (2012).

Ao considerar que grande parte da população de Estrela teve, de alguma forma, algum nível de envolvimento com o Complexo Industrial da Polar, compreende-se que, desde seu fechamento, levanta-se curiosidades sobre qual o seu atual uso, como é e encontra-se seu interior. Assim, ainda que exista uma forte relação da comunidade para com o espaço, em sua maioria, esta relação sempre se dá com o exterior do edifício - seja pela ocupação das imediações, pela realização do evento Arte na Escadaria ou pela pintura de suas paredes externas.

¹⁴ *Before I die* (Antes de morrer) é um projeto de arte com instalações em diversas cidades do mundo que convida as pessoas a refletirem sobre suas vidas e sobre a morte. Os painéis, instalados em espaços públicos, contém a frase "*Before I die I want to*" (Antes de morrer eu quero, em tradução livre pela autora), de forma que, assim, as pessoas que por ali passam o preenchem, utilizando giz, com o que gostariam de fazer ainda em vida.

Portanto, para essa atividade, propõem-se a abertura dos edifícios, de forma que a instalação se encontre dentro deles, conforme representado na simulação da Figura 16. Dessa forma, busca-se com que a comunidade inicie um processo de interação e ressignificação com este espaço - não só por fora, como pelo seu interior. O ato de abri-lo tem por objetivo fazer com que a comunidade se sinta envolvida e convidada a ocupá-lo novamente, constituindo um passo importante para a legitimação do processo participativo.

Ainda, acredita-se que derrubar, mesmo que metaforicamente, o muro existente entre edifício e comunidade configura-se como uma forma de transparência do processo. Ao mostrar como encontra-se o edifício por dentro, espera-se potencializar a sensibilização, o engajamento e a criatividade da comunidade em pensar, coletivamente, possibilidades para esse espaço.

Assim, os painéis estariam espalhados por alguns ambientes, com a pergunta "No que o Complexo da Polar poderia se transformar?", para que as pessoas proponham ideias, escrevendo na sua superfície com giz. A instalação deve durar ao menos uma semana, para que a comunidade tenha tempo de visitar o local.

Espera-se que assim surjam uma diversidade de propostas, desde ideias simples, complexas e improváveis, que servirão de inspiração para os participantes das oficinas de cocriação, que constituem uma próxima etapa.

Figura 16 - Simulação da instalação



Fonte: Elaborado pela autora.

4.4.2 Oficinas de cocriação

As oficinas de cocriação aqui propostas estão baseada no modelo desenvolvido pelos Iconoclasistas (RISLER; ARES, 2013)¹⁵, conforme dinâmica ilustrada na Fotografia 19, intitulada "Mapeo de agit-pop". Essa consiste em uma oficina com duração de 4 a 6 horas, que envolve os atores dos quatro campos (cultural, social, econômico e político) com o objetivo de pensar um tema específico: neste caso, soluções para o Complexo Industrial da Polar. Salienta-se que essa oficina deve ser aberta ao público, ou seja, não há pré-requisitos e nem limitações para participar. Apenas nota-se que um número ideal de participantes consiste entre 30 e 40 pessoas. Recomenda-se a realização de ao menos três oficinas com a comunidade. Em relação ao local, orienta-se a escolha de um espaço amplo, bem iluminado e que possua mesas de bom tamanho para que os grupos possam trabalhar em cima.

Fotografia 19 - Recurso de mapas auxilia nas oficinas de cocriação



Fonte: Iconoclasistas (2020).

¹⁵ Os Iconoclasistas é um laboratório, formado por latinoamericanos, de comunicação social com foco na experimentação de ferramentas participativas e cartografia.

Portanto, para começar, convida-se o público previamente, explicando qual a proposta da oficina, data, hora e local de encontro. No dia, para começar, retoma-se o objetivo do momento, bem como se contextualiza a situação do Complexo da Polar com um breve histórico e principais pontos levantados na etapa Ouvir. O encontro deve conter também uma breve apresentação de cada participante, isto é, seu nome, profissão, o porquê de estar ali, etc.

Depois disso, divide-se o grande grupo em grupos menores (de 8 a 10 pessoas). É importante que os grupos sejam diversos do ponto de vista dos campos (social, político, cultural e econômico).

Os grupos irão receber então um mapa da área de estudo, com alguns elementos do contexto destacados, bem como lápis, borracha, marcadores, ícones, tesoura, post its e revistas. O mapa serve como referência, mas é livre para sofrer alterações ou sobreposições. Tais recursos gráficos e materiais buscam potencializar a expressão da criatividade dos participantes. Além disso, os grupos também receberão imagens da instalação realizada previamente, de forma que poderão visualizar as respostas que surgiram por parte da comunidade nos painéis alocados dentro da Polar, de forma a se inspirar ou mesmo adaptar ideias que já haviam sido suscitadas.

Conforme Risler e Ares (2013, p. 58, tradução nossa),

O mapa é uma estratégia narrativa mais uma decisão tática. O mapa não é apenas informação. Instalar o mapeamento como uma prática, como uma ferramenta crítica, implica uma tarefa coletiva de reconstrução da estrutura de cada situação, de revelar (mais do que totalizar) a complexidade dos territórios. O mapeamento também cria um vínculo: quando ouvimos os outros colocando em jogo no mapa suas viagens, apostas, intenções, nos conectamos com uma experiência de habitar o território como um espaço comum e, ao mesmo tempo, sempre singular.¹⁶

Para então começar o processo criativo, os organizadores da oficina aplicarão um momento de *brainstorming*, fornecendo 15 minutos para que os participantes gerem o maior número de ideias, tendo foco na maior quantidade possível, e não na

¹⁶ Citação original: “El mapa es una estrategia narrativa más una decisión táctica. El mapa no es sólo información. Instalar el mapeo como práctica, como herramienta crítica, supone una tarea colectiva de reconstrucción del entramado de cada situación, de relevar (más que totalizar) la complejidad de los territorios. Mapear también arma lazo: cuando escuchamos a otro poner en juego sobre el mapa sus recorridos, apuestas, intenciones, nos conectamos con una experiencia de habitar el territorio como espacio común y a la vez siempre singular”.

qualidade das ideias. Para instigar os participantes, deve-se realizar perguntas como "O que vocês imaginam no espaço do Complexo da Polar?", "O que acreditam que a região está precisando que poderia ser feito nesse local?", "Quais possibilidades vocês imaginam para o futuro desse prédio que achem que a população se beneficiaria?".

Após os 15 minutos de *brainstorming*, espera-se que centenas de ideias tenham sido levantadas por cada grupo. Então será o momento de iniciar uma categorização, aproximando ideias que se assemelham ou têm algum tipo de relação. Depois de tal categorização, os grupos terão liberdade para formar novas ideias, adaptando e aprimorando um grupo de propostas, ou mesmo descartando outras.

Assim, dá-se tempo para que os participantes iniciem discussões entre si, porém, os organizadores devem continuar auxiliando e conversando ocasionalmente com os grupos, de forma a estimulá-los na geração de ideias e expor questões técnicas que podem, por exemplo, inviabilizar alguma das propostas.

Depois, é momento de selecionar somente uma ideia, para aprofundá-la, isto é, o grupo deverá escolher uma solução que acredita ser a melhor para o Complexo da Polar e desenvolvê-la com profundidade, pensando aspectos como execução, aproveitamento e oportunidades.

Ao final do tempo disponível, cada grupo deve apresentar e defender sua proposta aos demais participantes, explicitando como imaginam ser possível de implementá-la, como ela funcionará ao longo do tempo e como será a experiência para a comunidade. Também deve-se proporcionar espaço para trocas e feedbacks que auxiliem a aprimorar a proposta. Conforme Ideo (2009, p. 78), deve-se "solicitar feedback honesto, mesmo que negativo. É melhor saber o quanto antes, antes que maiores investimentos sejam feitos, que a solução não é desejável".

Todos juntos, então, deverão eleger a melhor das ideias considerando critérios como viabilidade e relevância cultural (o quanto a proposta retorna culturalmente à comunidade). Dessa forma, cada oficina terá uma ou duas propostas finais como solução possível para o espaço da Polar. Tais ideias serão importantes para a próxima etapa, a última da fase de Criação.

4.4.3 Votação popular online

A partir das oficinas, se terão então ao menos três propostas diferentes para o Complexo Industrial da Polar, todas cocriadas, de forma diversificada, por pessoas da comunidade, já pensando em sua própria viabilidade de implementação.

Prezando pela participação social e pela democracia no processo de requalificação do antigo espaço da cervejaria, uma última etapa irá elencar a solução mais adequada por um sistema de votação popular realizado de forma online, no qual a população da região será convidada, novamente, a se engajar.

Cada proposta será apresentada com profundidade em um site oficial do projeto, expondo seus pontos fortes e fracos, imagens de exemplificação de como seria a solução, prováveis custos e possíveis impactos social e ambiental (levantados pela equipe técnica). Isto é, deve-se prezar pela transparência na comunicação das opções.

No término da votação, uma solução será a vencedora, então implementada na última fase do projeto.

4.5 Implementar

A fase Implementar constitui-se do momento em que a solução final é escolhida e deve-se colocá-la em prática, acionando atores estratégicos no processo. Contudo, conforme destacado no início deste capítulo, por compreender que a fase de implementação se dá como consequência das fases anteriores, Ouvir e Criar, e que, portanto, por essa ser uma proposta de processo sem deter a previsão de qual seria a solução a ser implementada, não cabem ser aprofundadas etapas.

Ainda assim, recomenda-se duas diretrizes quando da chegada desse período do processo, sendo a primeira o desenvolvimento de um projeto piloto, isto é, realizar parte da solução como um teste, para visualizar quais seriam as facilidades e dificuldades de implementação da solução, bem como para coletar insights e gerar melhorias. Segundo Ideo (2009, p. 85), "Transformar uma idéia em um piloto antes que vá para o mercado não só permite que você entenda melhor a

solução, mas também ajuda a identificar fatores que serão necessários para que a sua organização entregue a idéia para a comunidade".

Outra diretriz se dá pela identificação e contatos dos agentes que contribuirão para a viabilidade da solução. Deve-se questionar "Que capacidades humanas, manufatureiras, financeiras, e tecnológicas são necessárias para criar e entregar esta solução?" (IDEO, 2009, p. 88). No caso do Complexo Industrial da Polar, estes agentes poderão ser do campo político, para fornecer as condições legais; do campo cultural ou social, caso seja relevante a criação de um conselho gestor ou associação; e do campo econômico, no caso de uma parceria público privada ou aporte financeiro. Dessa forma, é necessário que se "identifique as capacidades requeridas para torná-la [a solução] real. Um desafio para a equipe de projeto é identificar muitos modelos possíveis de entrega, que alavanquem diferentes parceiros e canais de distribuição." (IDEO, 2009, p. 88).

Assim, a partir de um projeto piloto e da adequada identificação e acionamento dos agentes a serem envolvidos, confere-se a base para a devida implementação da solução final para o Complexo Industrial da Polar.

4.5.1 Cronograma de execução

No cronograma, expresso no Quadro 2, estão estipulados os tempos, em média, para cada etapa do processo aqui proposto. Totaliza-se um período de 24 semanas, isto é, uma média de 6 meses para aplicação do processo, até a fase Implementar que fica com tempo em aberto.

Quadro 2 - Cronograma do projeto

Período	Programação
3 semanas	Formação e articulação da equipe transdisciplinar
2 semanas	[Ouvir] Contato com os agentes

6 semanas	[Ouvir] Entrevistas individuais semiestruturadas
6 semanas	[Ouvir] Site para coleta de memórias
1 dia	[Ouvir] Audiência pública
2 semanas	Síntese das escutas
2 semanas	[Criar] Instalação participativa
1 semana	[Criar] Oficinas de cocriação
2 semanas	[Criar] Votação popular online
-	[Implementar]

Fonte: Elaborado pela autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo, é necessário salientar que esta pesquisa teve seu início antes da chegada do Coronavírus em território brasileiro, de forma que a realidade pandêmica veio a confrontar as ideias iniciais da autora, que teve que adaptar a proposta ao longo do processo de escrita. Além disso, há de se considerar que a situação do Complexo Industrial da Polar configura-se um processo vivo, em tramitação, com recorrentes atualizações, pronunciamentos e mudanças de rumo, aspectos que também reformulam o destino deste trabalho algumas vezes até atingir seu formato final.

Assim, considerando que nas atuais circunstâncias não é possível o encontro presencial, buscou-se estruturar um projeto de futuro que seja possível, isto é, após a devida vacinação da população, o que permitirá a volta de aspectos tão necessários à vitalidade das cidades, como o contato físico, o olho no olho, a deriva pelas ruas e a ocupação dos espaços públicos, entre eles, o Complexo Industrial da Polar e seus arredores.

Além disso, a pesquisa durante um período de pandemia e isolamento social se configura, por vezes, desafiadora, contudo, para a autora, carregada de esperança. Uma esperança no outro, no amanhã, no poder dos entrelaços da vida e das histórias. É nesse sentido que se acredita, justamente, que um olhar para o futuro deve passar a ser um olhar compartilhado, no exercício de sentimentos e posições de empatia, respeito, valorização das diversidades e do reaprender a cooperar (MANZINI, 2017) - valores que buscou-se incorporar, de alguma forma, na escrita deste trabalho.

Assim, o que de início também se constituía uma tentativa de autodescoberta, por buscar compreender o papel de *designer* na temática de patrimônios culturais, compreende-se, enfim, que nenhuma posição é solitária, mas sim complementar. Isto é, o próprio curso da pesquisa evidenciou a importância da troca, das conexões e do pensar coletivo e transdisciplinar. O *designer* é, portanto, uma das peças no emaranhado urbano e tem a contribuir com aspectos de criatividade, estratégia e olhar sistêmico.

Sobre o espaço da Polar, por mais que as últimas notícias acerca do problema aqui aprofundado indiquem que o atual prefeito de Estrela, Elmar Schneider, tenha como uma das propostas a criação de um centro tecnológico para

fomento de startups (A HORA, 2021), não há indícios de que se promova um processo participativo nesta decisão.

A relação que a comunidade possui com o espaço físico, com a história e as memórias da cervejaria Polar demonstram o afeto e a identificação que ainda preservam com o local. O abraço simbólico coletivo, tanto em 1999, quando já existia a possibilidade de fechamento da fábrica, quanto em 2019, pela ameaça de demolição, configura um ato singelo e poderoso de quem, de mãos dadas, tenta proteger com o próprio corpo aquela forma que lhes significa tanto.

É pela importância desta relação que se considera essencial que espaços de escuta e criação compartilhada se façam presentes em um projeto futuro para o Complexo, de forma que se envolvam atores diversos e que os desejos e reivindicações da comunidade sejam ouvidos. Acredita-se na criação de uma rede capaz de gerar soluções inovadoras, viáveis e criativas, que valorizem o patrimônio de Estrela.

Dessa forma, diante de tais esperanças, a autora se compromete, a partir da entrega deste documento, a buscar um diálogo com o governo municipal de Estrela, na tentativa de colocar de fato em prática o que aqui está proposto e articular um processo participativo para o Complexo da Polar, para que este desejo não seja só imaginação, mas se torne, enfim, uma realidade.

REFERÊNCIAS

AÇÃO movida pelo CAU/RS impede demolição do prédio da Polar em Estrela. *In: Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul (CAU/RS)*. [Porto Alegre?], 13 set. 2019. Disponível em: <https://www.caurs.gov.br/acao-movida-pelo-cau-rs-impede-demolicao-do-predio-da-polar-em-estrela/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

ALEGRETTI, Laís; PAMPLONA, Nicola. Incêndio de grandes proporções atinge Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, no Rio. *In: FOLHA DE SÃO PAULO*. Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, 2 set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/incendio-atinge-o-museu-nacional-na-quinta-da-boa-vista-no-rio.shtml>. Acesso em: 10 jul. 2020.

APÓS incêndio, internautas relembram visitas ao Museu Nacional nas redes sociais. *In: EXTRA*. [Rio de Janeiro?], 3 set. 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/apos-incendio-internautas-relembram-visitas-ao-museu-nacional-nas-redes-sociais-23033562.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ARTE NA ESCADARIA. **[Sobre]**. Estrela, 2020. Facebook: @artenaescadaria. Disponível em: https://www.facebook.com/artenaescadaria/about/?ref=page_internal. Acesso em: 15 jul. 2020.

BECKER, Ana Carolina. “Prédio da Polar pode ser um local com a história de Estrela”. *In: A HORA*. Lajeado, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2020/11/11/predio-da-polar-pode-ser-um-local-com-a-historia-de-estrela/>. Acesso em: 9 dez. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CIDADES e comunidades sustentáveis. *In: NAÇÕES UNIDAS BRASIL*. Brasília, [2021?]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/11>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Conselho Estadual de Cultura do RS (CEC). **[Posicionamento]**. Santa Cruz do Sul, 18 jan. 2019. Facebook: @conselhoculturars. Disponível em: <https://www.facebook.com/conselhoculturars/posts/2276703345896564>. Acesso em: 22 fev. 2021.

COSTA, Camila. Museu Nacional: De dinossauros nunca identificados a línguas extintas, o que a ciência perde com o incêndio. *In: BBC*. São Paulo, 4 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45404257>. Acesso em: 10 jul. 2020.

DOS SANTOS, Airton Engster. Incêndio no antigo prédio da Polar em Estrela-RS. *In: Blog do Airton*. Estrela, 31 jul. 2013. Disponível em: <http://estrela-rs-aepan.blogspot.com/2013/08/incendio-no-antigo-predio-da-polar-em.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.

DOS SANTOS, Airton Engster. Cerveja Polar - História da Fábrica em Estrela. *In: Blog do Airton*. Estrela, jan. 2016. Disponível em: <http://aepan.blogspot.com/2016/01/cerveja-polar-historia-da-fabrica-em.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.

DOS SANTOS, Airton Engster. Fotos - Arte na Escadaria em Estrela - edição de julho de 2019. *In: Blog do Airton*. Estrela, 8 jul. 2019. Disponível em: <http://lajeadores.blogspot.com/2019/07/fotos-arte-na-escadaria-em-estrela.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.

DUARTE, Cristiano. Movimento Rua da Praia quer transformar antiga fábrica da Polar em polo cultural do Vale do Taquari. *In: O INFORMATIVO*. Lajeado, 19 fev. 2020. Disponível em: <https://www.informativo.com.br/geral/movimento-rua-da-praia-quer-transformar-antiga-fabrica-da-polar-em-polo-cultural-do-vale-do-taquari,350033.jhtml>. Acesso em: 3 jan. 2021.

ENTIDADE. *In: Câmara de Comércio, Indústria e Serviços de Estrela (CACIS)*. Estrela, [2020?]. Disponível em: <http://www.cacisestrela.com.br/entidade/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

ESTRELA RS. *In: GOOGLE Maps. Satellite View: Google*, 2021. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-29.5013691,-51.9689225,1383m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 11 fev. 2021.

ESTRELENSES abraçam antigo prédio da Polar. *In: INDEPENDENTE*. Lajeado, 25 nov. 2018. Disponível em: <https://independente.com.br/estrelenses-abracam-antigo-predio-da-polar/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FORMACIÓN e investigación con pedagogías populares. *In: ICONOCLASISTAS*. Buenos Aires, 26 mai. 2020. Disponível em: <https://iconoclasistas.net/talleres-en-espacios-de-pedagogias-populares/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

GAGLIONI, Cesar. A reconstrução do Museu Nacional, um ano após o incêndio. *In: NEXO*. [Rio de Janeiro?], 3 set. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/09/03/A-reconstru%C3%A7%C3%A3o-do-Museu-Nacional-um-ano-ap%C3%B3s-o-inc%C3%AAndio>. Acesso em: 10 jul. 2020.

GONÇALVES, Ana. Valor etnográfico. *In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6

HISTÓRICO. *In: Associação dos Municípios do Vale do Taquari (AMVAT)*. Estrela, [2020?]. Disponível em: <http://amvat.com.br/Historico>. Acesso em: 12 nov. 2020.

IDEO. **Human Centered Design Toolkit**, 2009. Disponível em: <https://hcd-connect-production.s3.amazonaws.com/toolkit/en/portuguese_download/ideo_hcd_toolkit_completo_portuguese.pdf>.

INCÊNDIO atinge antigo prédio de cervejaria em Estrela. *In*: G1. [Porto Alegre?], 30 jul. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/07/incendio-atinge-antigo-predio-de-cervejaria-em-estrela-rs.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.

INSTITUIÇÕES eficazes. *In*: NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Brasília, [2021?]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/16>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Educação patrimonial: Inventários participativos**. Brasília: IPHAN, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

KOBER, Julian. Prédio da antiga Polar pode dar lugar a uma nova sede do Fórum. *In*: O INFORMATIVO. Lajeado, 13 jul. 2018. Disponível em: <https://informativo.com.br/geral/predio-da-antiga-polar-pode-dar-lugar-a-uma-nova-sede-do-forum,277484.jhtml>. Acesso em: 20 jul. 2020.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LIMINAR impede demolição do prédio da Polar. *In*: A HORA. Lajeado, 13 set. 2019. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2019/09/13/liminar-impede-demolicao-do-predio-da-polar/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MAIA, Aline Pivetta. **Polar: O discurso da cerveja daqui**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Publicidade e Propaganda) – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2010. Disponível em: <https://lapecpp.files.wordpress.com/2011/05/aline-pivetta-maia.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MANIFESTANTES derrubam estátua do traficante de escravos Edward Colston em Bristol, na Inglaterra. *In*: G1. [São Paulo?], 7 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/07/manifestantes-derrubam-estatuado-trafficante-de-escravos-edward-colston-em-bristol-na-inglaterra.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, Ezio. **Design**: quando todos fazem design : uma introdução ao design para a inovação social. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

MARTINI, Rodrigo. Um acordo pela Polar. *In*: A HORA. Lajeado, 9 fev. 2021. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2021/02/09/um-acordo-pela-polar/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MONTEIRO, Mike. **Ruined by design**: How designers destroyed the world, and what we can do to fix it. Mule Books, 2019. *E-book*.

MOVIMENTO pede para Polar lembrar cidade. *In*: A HORA. Lajeado, 18 jun. 2016. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2016/06/18/movimento-pede-para-polar-lembrar-cidade/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

NOVA etapa de revitalização da Escadaria de Estrela tem empresa responsável. *In*: FOLHA POPULAR. [Estrela?], 13 jun. 2018. Disponível em: <https://folhapopular.info/index.php/2018/06/13/nova-etapa-de-revitalizacao-da-escadaria-de-estrela-tem-empresa-responsavel/>. Acesso em: 19 jul. 2020.

O QUE é Placemaking? *In*: PLACEMAKING BRASIL. [2020?]. Disponível em: <http://www.placemaking.org.br/home/o-que-e-placemaking/>. Acesso em: 11 set. 2020.

O VALE do Taquari. *In*: Câmara de Indústria, Comércio e Serviço do Vale do Taquari (CIC-VT). Lajeado, [2021?]. Disponível em: <https://www.cicvaledotaquari.com.br/cic-vt/o-vale-do-taquari/>. Acesso em: 3 jan. 2021.

PAIM cria novas latas para Polar. *In*: PROPMARK. [São Paulo?], 22 jun. 2016. Disponível em: <https://propmark.com.br/agencias/paim-cria-novas-latas-para-polar/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

PAPANEK, Victor. **Design for the real world**: human ecology and social change. Chicago: Academy Chicago Publishers, 1971.

PARCERIAS e meios de implementação. *In*: NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Brasília, [2021?]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/17>. Acesso em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/17>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PASSARINHO, Nathalia. Mais pobres eram quase metade dos visitantes do Museu Nacional. *In*: BBC. Londres, 10 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45438283>. Acesso em: 10 jul. 2020.

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO. *In*: IPHAN. Brasília, [2021?]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/315/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PEREIRA, Néli. Três polêmicas sobre a Lei Rouanet, alvo de operação da PF. *In*: BBC. São Paulo, 3 jun. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36364789>. Acesso em: 12 jul. 2020.

PF CONCLUI inquérito no Museu Nacional e descarta 'conduta omissa' e incêndio criminoso. *In*: G1. [São Paulo?], 6 set. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/06/pf-conclui-investigacao-sobre-o-incendio-que-destruiu-o-museu-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

PRÉDIO da Polar ganhará dois grandes painéis artísticos. *In*: A HORA. Lajeado, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2020/06/03/predio-da-polar-ganhara-dois-grandes-paineis-artisticos/>. Acesso em: 3 jan. 2021.

RISLER, Julia; ARES; Pablo. **Manual de mapeo colectivo**: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa. Buenos Aires: Tinta Limón Ediciones, 2013.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SAVANNAH, Georgia. *In*: BEFORE I DIE. Mar. 2012. Disponível em: <https://beforeidieproject.com/wall/san-francisco-california/>. Acesso em: 4 jan. 2021.

SCHEEREN, Jéssica Taís. **Pô Polar, Estrela é teu lar**: Compreendendo a prática de consumo de cerveja em Estrela. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2015. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1448/1/2015JessicaTaisScheeren.pdf>. Acesso em: 20 jan 2021.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Estrela**: ontem e hoje. 2. ed. Lajeado: O Autor, 2002.

SCHNACK, Andrea Cristina. **Patrimônio arquitetônico de Estrela, RS**: Diagnóstico para preservação. 2012. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10985/SCHNACK%2c%20ANDREA%20CRISTINA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 jan. 2021.

SOBRE O NOSSO trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. *In*: NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Brasília, [2021?]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 10 jan. 2021.

VILELA, Taís. "A gente perdeu a dignidade": estudantes relatam dor e revolta após incêndio do Museu Nacional. *In*: UOL. Rio de Janeiro, 4 set. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/09/04/em-luto-alunos-lamentam-incendio-no-museu-e-falam-em-perda-de-dignidade.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

United Nations Human Settlements Programme (UN HABITAT). **World Cities Report 2020: The Value of Sustainable Urbanization**. Nairobi: UN Habitat, 2020.
Disponível em: https://unhabitat.org/sites/default/files/2020/10/wcr_2020_report.pdf.
Acesso em: 3 jan. 2021.

ANEXO A – INVENTÁRIO DO COMPLEXO INDUSTRIAL DA POLAR

INVENTÁRIO DOS BENS EDIFICADOS DE ESTRELA-RS

PREFEITURA MUNICIPAL DE ESTRELA-RS

SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO

<p>1-IDENTIFICAÇÃO</p> <p>MUNICÍPIO: Estrela, RS</p> <p>DENOMINAÇÃO: Cervejaria Polar</p> <p>ENDEREÇO: Rua Pinheiro Machado, 307</p> <p>QUADRA: 48</p> <p>USO ORIGINAL/ATUAL: fábrica de cerveja / AMVAT</p> <p>PROPRIETÁRIO: Prefeitura Municipal de Estrela</p>	<p>2-FICHA Nº IE/11-00008</p> <p>3-GRAU DE PROTEÇÃO nenhum</p>
<p>4-SITUAÇÃO</p> 	
<p>5-FOTOGRAFIA DA EDIFICAÇÃO</p> 	

6-COBERTURA:
Nº DE ÁGUAS:

TELHAMENTO CAPA/CANAL FRANCESA FIBROCIM. OUTRO

ACABAMENTO BEIRAL BEIRA SEV LAMBREQUIM OUTRO

COROAMENTO CIMALHA PLATIBANDA FRONTÃO OUTRO

7-TIPO DE ESTRUTURA

INDEPENDENTE PORTANTE

8-MATERIAIS	SUBSOLO	1º PAVIM.	2º PAVIM.	3º PAVIM.	PAVILHÕES
ESTRUTURA	concreto armado	concreto armado	concreto armado	concreto armado	concreto armado
VEDAÇÃO DA ESTRUTURA	alvenaria de tijolo furado	alvenaria de tijolo furado	alvenaria de tijolo furado	alvenaria de tijolo furado	alvenaria de tijolo furado
ESQUADRIAS	ferro e vidro	ferro e vidro	ferro e vidro	ferro e vidro	ferro e vidro
REVESTIMENTO DA FACHADA	reboco de argamassa de cal, areia e cimento	reboco de argamassa de cal, areia e cimento	reboco de argamassa de cal, areia e cimento	reboco de argamassa de cal, areia e cimento	reboco de argamassa de cal, areia e cimento
PINTURA DA FACHADA	tinta acrílica	tinta acrílica	tinta acrílica	tinta acrílica	tinta acrílica

9-ESTADO DE CONSERVAÇÃO (MODIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS ORIGINAIS)

HOMOGÊNEO (ORIGINAL)
 HETEROGÊNEO (APRESENTA SUBSTITUIÇÃO DE ALGUNS ELEMENTOS ORIGINAIS POR ELEMENTOS NOVOS)
 DESCARACTERIZADO (MUITOS ELEMENTOS SUBSTITUÍDOS)

10- ESQUADRIAS (TIPO DE VERGA)

VERGAS DAS PORTAS: retas VERGAS DAS JANELAS: retas

11-ESTADO FÍSICO (INFORMAR NESTE ITEM O ESTADO DE DEGRADAÇÃO DOS ELEMENTOS CONSTRUTIVOS)

Os elementos construtivos estão necessitando de conservação.

12-ENTORNO PRÓXIMO (A EDIFICAÇÃO EM RELAÇÃO AO ENTORNO)

EDIFICAÇÃO DE REFERENCIAL URBANO
 EDIFICAÇÃO COMO PARTE DE UM CONJUNTO
 EDIFICAÇÃO CONFORMADORA DO PERFIL URBANO
 NÃO EXERCE INFLUÊNCIA NO ENTORNO

13-DADOS HISTÓRICOS OU REFERÊNCIAS CULTURAIS:

A Polar foi fundada em 10 de outubro de 1912 sob o nome Sociedade em Comandita Júlio Diehl & Cia. Em 16 de abril de 1914, a firma foi oficialmente registrada como Júlio Diehl & Cia. Uma das primeiras marcas de cerveja, produzida pela fábrica foi a Aurora – Cerveja tipo Bavária. No ano de 1919, a Cervejaria passou a denominar-se Kortz, Dexheimer & Cia., sob a gerência de Luiz Inácio Müssnich. Francisco Droll era o mestre da fábrica. A marca mais conhecida foi a marca Estrella – cerveja tipo Pilsen. A Cervejaria Estrella alterou a razão social de Kortz, Dexheimer & Cia. para a **responsabilidade** individual de Luís I. Müssnich a partir de 1º de janeiro de 1928. Em 1945, sob a razão social de Cervejaria Estrella S.A, a firma foi incorporada por um grupo de santa-cruzenses, sob a liderança de Jean Hanquet e Ricardo Scherer. O rótulo de 1962 trazia Cerveja Polar Chopp – Cinquentenário 1912-1962 – Polar S.A. Ind. Com. e Agr. Estrella – Santa Cruz do Sul – Guaporé. O atual prédio da Polar é de 1949 quando foi inaugurado. No mesmo ano de 1962, foi feito o projeto de ampliação da fábrica em 4.500 m². O Diário Oficial, de 31-1-1969, publicou a ata da Assembléia Geral Extraordinária, de 21 de outubro de 1968, que aprovou a alteração de sua razão social da POLAR S/A – Indústria, Comércio e Agricultura para Cervejaria Polar S/A. Em 1972, a Cervejaria Polar foi comprada pela Antártica. Com o encerramento da fábrica e o fechamento da empresa, a Cervejaria Polar entra na memória do povo estrelense. Em 2006 o complexo foi desativado, sendo vendido para a Prefeitura Municipal.

FONTE: SCHIERHOLT, José Alfredo. **Estrella: Ontem e Hoje**. Lajeado : O Autor, 2002.

14-FOTOS ANTIGAS OU DETALHES

Complexo Industrial da Polar



Fonte: Diehl, Arnaldo J. Jubileu Diamante Estrella – 1876 – 1951.

15-OBSERVAÇÕES**16-PESQUISADORES:**

Mestranda em Patrimônio Cultural ANDREA CRISTINA SCHNACK
Acadêmico de Arquitetura ARTHUR SFOGLIA
Historiadora Esp Patrimônio Cultural LETÍCIA OLIVEIRA DE OLIVEIRA.

17-DATA

Dezembro/2010